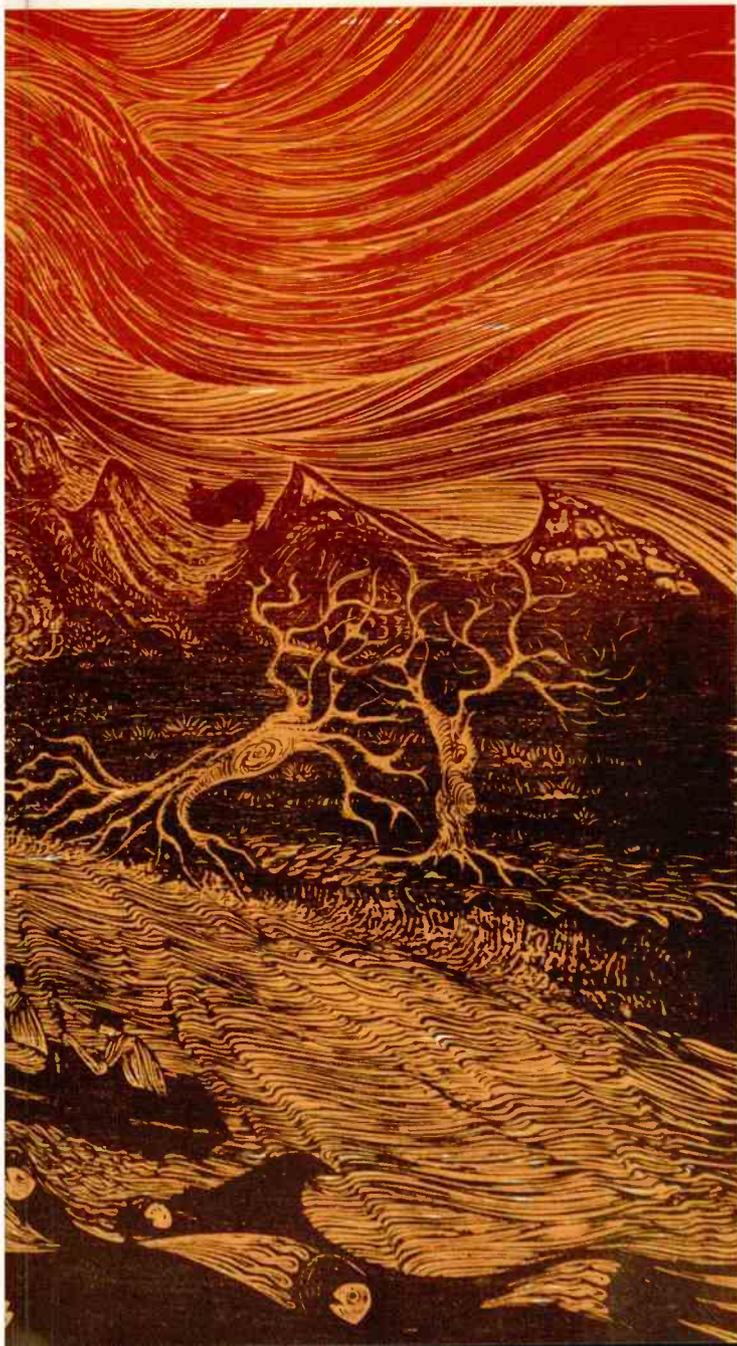


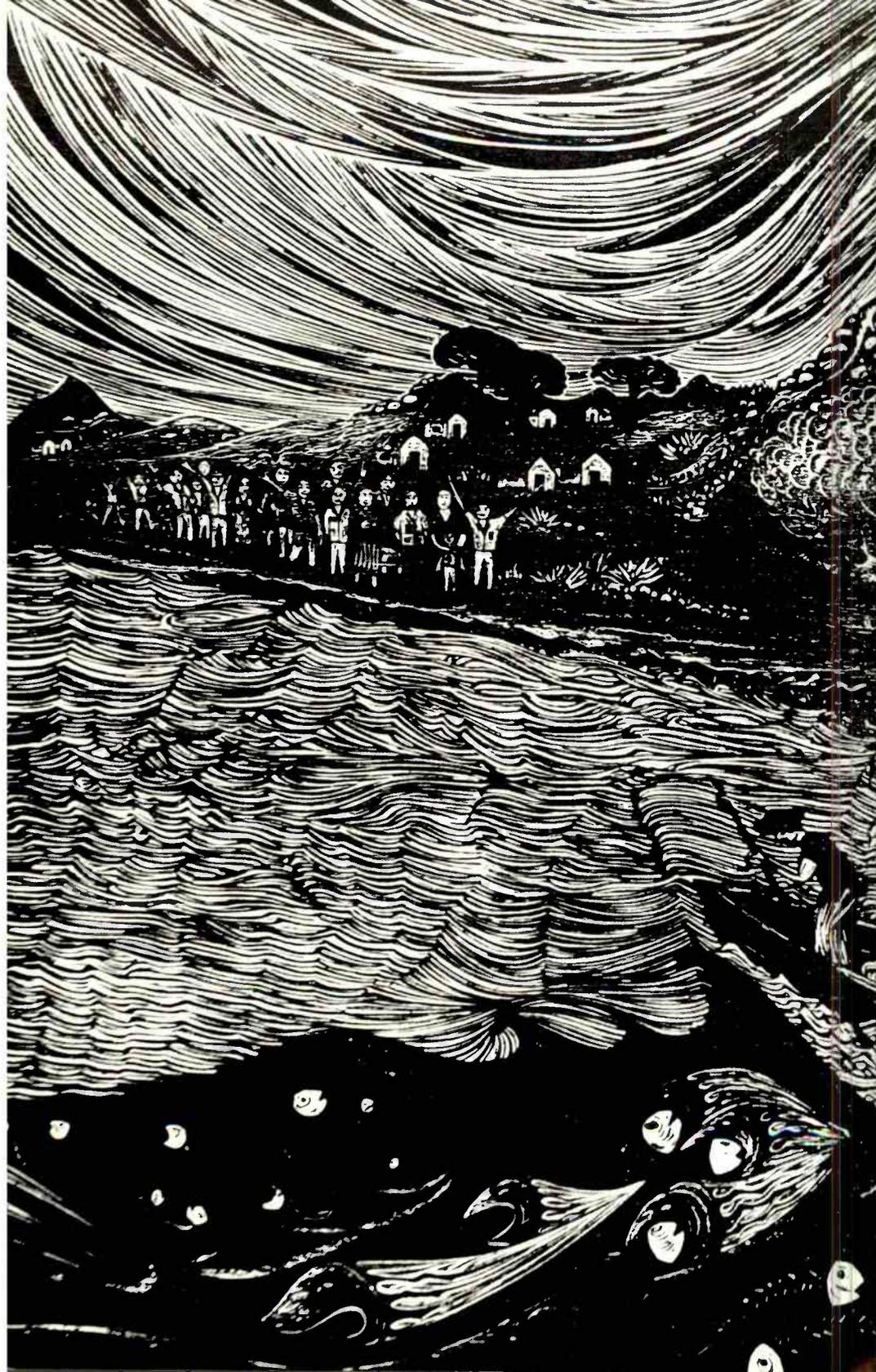
Caos 4

UM ALMANAQUE DE CONTOS

PORTÁTIL

ISSN 1808-3080





Autorizo o poeta Soares Ferreira
a reproduzir esta
Caos Portátil no seu
Jornal de Poesia



CAOS 
UM ALMA PORTÁTIL
NAQUE DE CONTOS

CAOS PORTÁTIL

UM ALMANAQUE DE CONTOS



Jorge Pieiro
Pedro Salgueiro

Editores

Geraldo Jesuino
Jorge Pieiro
Nilto Maciel
Pedro Henrique Saraiva Leão
Pedro Salgueiro
Raymundo Netto



Comitê Editorial



Geraldo Jesuino/
Filipe Jesuino

Arranjo Visual



Xilogravura
Stênio Diniz

na Capa



Jorge Pieiro
Pedro Salgueiro

Revisão



Rua Coronel Jucá, 1000/1101
Meireles Fortaleza CE
60170-320
panaplo@ig.com.br

Correspondências


Pouchain Ramos
GRÁFICA & EDITORA
Liderança impressa no mercado!

Impressão

elaborada pela bibliotecária
Perpétua Socorro Tavares Guimarães
reg. C.R.B. 3/801-98

Ficha catalográfica

Caos Portátil: revista de literatura v. 2, n. 4,
semestral - Fortaleza: Panaplo, 2006-2.
Almanaque de contos - periódico

CDD 869.9308

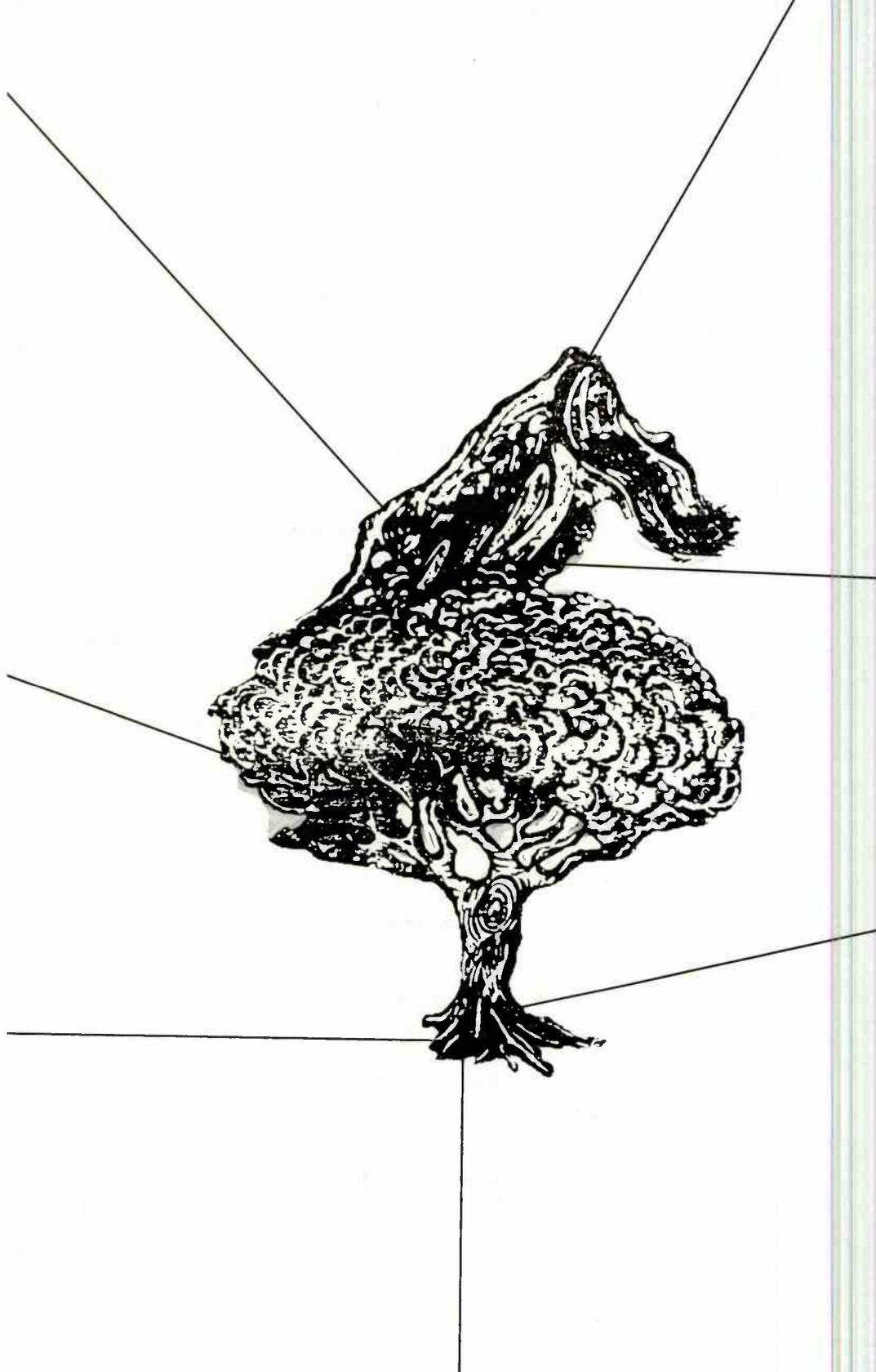
ISSN 1808-3080

Rayuela
Júlio Cortazar

"por baixo de noites vomitadas
'...por debaixo de noites vomitadas
de música e de fumo
de música y tabaco
e de muitas infâmias
y vilezas menudas
e truques de todos os gêneros,
y trueques de todo género,
bem por baixo ou por cima
bien por debajo o por encima
de tudo isso, eu não tinha desejado fingir,
de todo eso no había querido fingir
como os boêmios o faziam,
como los bohemios al uso
que esse caos portátil
que ese caos de bolsillo
fosse uma ordem superior do espírito
era un orden superior del espíritu
ou de qualquer outra etiqueta
o cualquier otra etiqueta
igualmente podre,..."
igualmente podrida,..."

Jogo da Amarelinha

Tradução:
Fernando de Castro Ferro



É preciso construir outro vazio no abismo. É preciso escolher a fagulha do incêndio. É preciso avaliar o soluço da memória...

Daqui pra frente, o gesto escolherá seu autor, seu ator. O Caos é a réstia do acaso.

Por isso.

Ninguém mais apropriado para enfrentar a linha do lapso do que o cego acrobata. Ninguém mais certo para o sol.

N O C A M I N H O C E G O D A L U Z O C A O S

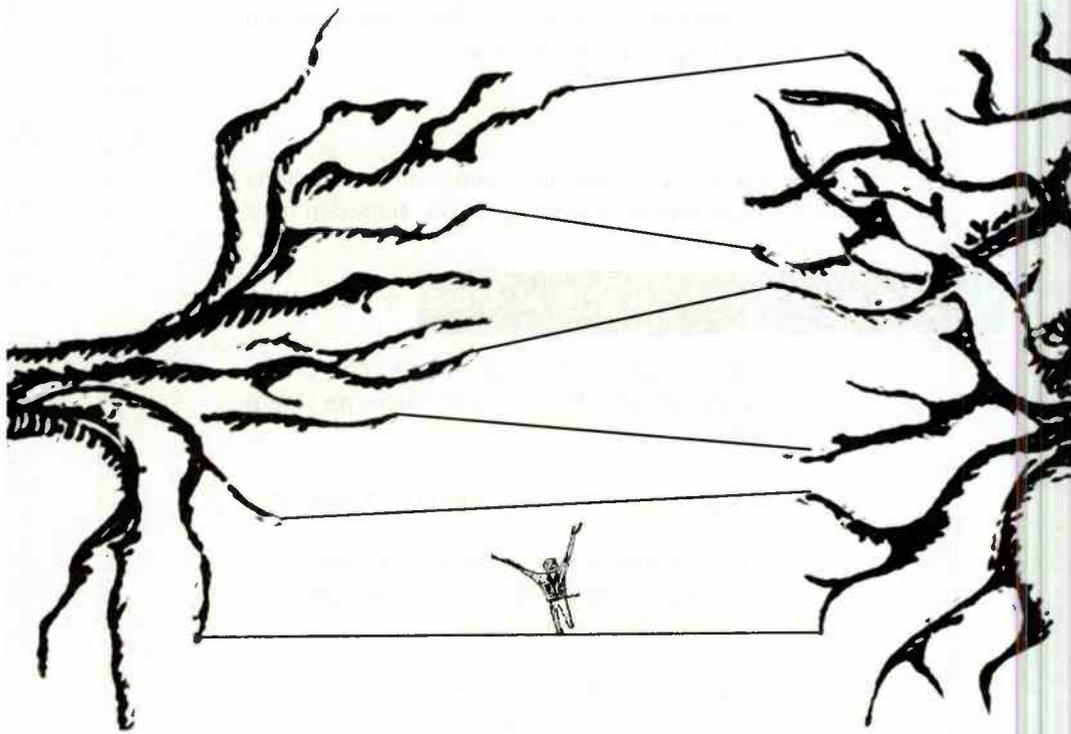
No imenso Caos, as palavras estão tontas, presas ao espetáculo do silêncio. Assim como na vida o caminho.

Dizer algo é permitir a voz, mesmo em segredo.

Outra ou mesma voz, outro ou mesmo segredo é o que se espera de um novo Caos, sempre, por vir. Enquanto é possível.

E enquanto é possível, não vemos a hora de alterar os ponteiros, que se não deixam estancar.

Os Editores



MULHER DE CABELOS VERDES

Ao contrário, Roberta: ela é loira, falsa com certeza, mas loira como só as muito pálidas conseguem ser. E desfilou no carro alegórico ontem, entende? E foi hoje que Alessandro partiu, ele, ela e mais a companhia de teatro, cenário, luzes e ação – tudo para cinco capitais, cinco meses, enquanto eu fico sozinha entre pincéis, essa é a coisa, não há por que me revoltar. Nenhuma onda de ciúme, estou fora; apenas achava que o Ateliê não deveria ter contribuído... Porque as fantasias do desfile foram todas feitas aqui, eu soube. É claro, eu estava na África, ou melhor, estava recém-chegada de lá, o que equivale a dizer que ainda estava na África, a África toda na minha cabeça, um continente inteiro a me ocupar, a me dispersar. Enquanto isso, os escultores, os pintores pensavam no Beijo do Baiacu: o carnaval se aproxima. Mas eu não esperava, sinceramente, que a mulherzinha fosse desfilhar.

Alguém encontrou um verdadeiro sentido para os cabelos verdes, em meio aos parangolés? Ou aquilo foi mera inserção forçada? Com quem ela falou para seduzir, a boca de grandes lábios – “Eu queria tanto desfilaaaaa” – e esse alguém olhando demoradamente a massa carnuda e molhada, os movimentos de mucosa, esquecendo-se da voz, da palidez falsa: “Pois não, minha linda, arranja-se uma fantasia”? Daí os cabelos verdes sob a coroa vermelha. Precisava ser tão gigantesca? E mais um cetro ridículo e aquela manta de algodão em tufo deixando entrever o biquíni. Serpentina, papel laminado, brilho barato: a loira dando

→
Tércia Montenegro

(Fortaleza-CE, 1986)

Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, onde fez mestrado e concluiu doutorado. É autora dos livros de contos *O Vendedor de Judas* (1998; 2003 - prêmio Funarte), *Linha Férrea* (2001 - Bolsa para Escritores Brasileiros da Biblioteca Nacional e Prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira, promovido pela Revista Cult, em 2000) e *O resto de teu corpo no aquário* (2005 - I Edital de Literatura da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará em 2004). Escreve regularmente em jornais e revistas brasileiras e participou de várias antologias nacionais. Autora ainda de livros infantis.



tchauzinho, e Alessandro justo embaixo, no tablado inferior do carro alegórico. Seu olhar de babaquice, endeusamento, que o jornal perpetuou. Veja só, Roberta – é claro, ele está de perfil, e o retrato não ajuda. Mas eu percebo com evidência que o olhar dele se dirige a ela, e não só aqui. Em cada ensaio da peça, na rotina, e agora na viagem...

Então ele me diz que é tudo pela arte: “Minha flor, não se esqueça”. Não esqueço, Roberta, da idiotice de estar me revoltando. É estúpido tudo isso, eu há dias com as mãos sujas de tinta sem pintar coisa alguma; até os esboços que faço têm o rosto dele, o corpo, essa obsessão. E ele foi embora. É tudo pela arte – e eu deveria segui-lo, forçar a permanência desse desejo que é um vício? Um vício repentino demais, você diz, para que seja legítimo. Então as grandes entregas só acontecem aos poucos? Como processos de naufrágio; a cada dia, um milímetro que se afunda mais – quando você percebe, virou aquele submarino, ou pior, aquele navio podre em que já cresceram pólipos e conchas, e os peixes te atravessam as cabinas. O único movimento é o das algas no balé interno, os musgos, os bichos que se apoderaram da tua vida: funciona assim? Não acho. Essa fumaça agora, a pressão dos meus lábios contra o papel, o cerrar os dentes enquanto as bochechas sugam, face em caveira – tudo poderia ter sido súbito, como essa paixão; súbito como descobrir-se pintora e depois descobrir-se não mais.

Mas sim, havia um sentido, um gancho temático, não é? O baiacu, o peixe – que engraçado! Agorinha eu falava em naufrágios, e então... O Beijo do Baiacu. Entendi. Era esse o tema do carnaval, e o verde remete a isso mesmo, aos troncos úmidos, que lembram sargaço, e o que mais? Verde esperança, verde bandeirado, ecológico. Certo. Ela era o beijo do baiacu, a sereia ou coisa que o valha. E o Alessandro? E a coroa vermelha, fazia as vezes de quê? Ela princesa, rainha pálida de biquíni semi-escondido, perna estrategicamente lançada ao público, rebolado sem-gracíssima. Não, Roberta, você não vai me convencer. Quero mais é preparar outro cigarro; minha vida agora é essa, não posso me revoltar, não posso pintar.

Claro que não vou participar da exposição de abril. Expor o quê? Talvez uma arte conceitual, eu mesma exposta com as minhas escamas, meus espinhos e placas ósseas. Venham ver o mais autêntico baiacu! E eu inflo minha barriga; assim, vê? Pareço grávida. Inflo a barriga, sei inflar para parecer maior, assustar os predadores, ui! Olha as minhas barbatanas, Roberta: eu quero uns moluscos, uns crustáceos, umas ervinhas. Eu vou me abrir na exposição. O baiacu sem beijo. E que ninguém esqueça: tenho a carne venenosa.

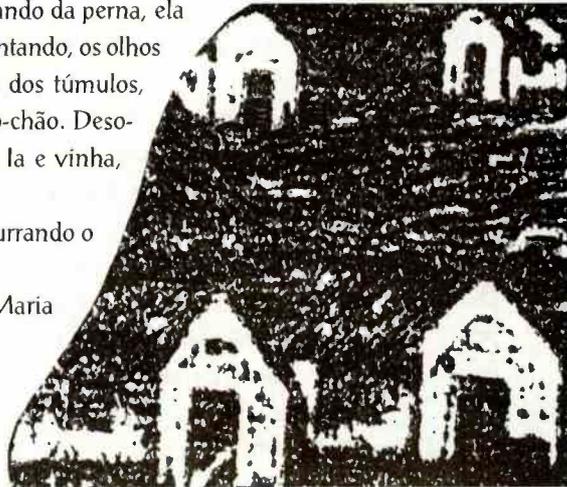
MARIA VIVIANE

Fivela prendendo os cabelos não bem penteados e de fios prateados, vestido azul desbotado, mancando da perna, ela percorria as vielas estreitas do cemitério, tentando, os olhos meio fechados da miopia, ler as lápides dos túmulos, alguns quase capelinhas, outros ao rés-do-chão. Desorientava-se. Via-se perdida entre cruzeiros. Ia e vinha, tentando ler.

Viu o homem que passava empurrando o carro-de-mão cheio de tijolos.

– O senhor sabe onde é que está a Maria Viviane?

- Maria de quê?
- Viviane.
- Não sabe o número da quadra?
- De quê?
- Da quadra.
- Não.
- Vá na administração. Lá eles informam.
- Onde é?
- Logo na entrada.



Caio Porfírio Carneiro

(Fortaleza-CE, 1928)

Reside em São Paulo e desde 1963 é secretário administrativo da União Brasileira de Escritores. Sócio de várias instituições culturais nacionais e estrangeiras, colabora nos principais suplementos do País, com ficção e crítica literária.

Publicou 22 livros nos gêneros conto, novela, romance, poesia, memória e literatura infanto-juvenil.

O romance *O Sal da Terra* (1965) foi traduzido para o italiano, árabe, francês e adaptado em roteiro técnico para o cinema. O livro de contos *Os Meninos e o Agreste* (1969) ganhou o *Prêmio Afonso Arinos*, da Academia Brasileira de Letras, e *O Casarão* (1975), também de contos, ganhou o *Jabutí*, da Câmara Brasileira do Livro. Contos seus estão incluídos em duas dezenas de antologias do gênero e traduzidos para o espanhol, italiano, francês, alemão e inglês.

Perdeu-se muito para encontrar o pequeno escritório. O homem calvo examinava o livro aberto sobre o balcão, fazia anotações, não compreendeu bem o que ela dizia:

- O que é mesmo, minha senhora!
- A cruz de Maria Viviane.
- Maria de quê?
- Viviane.
- Como é o nome completo dela?
- Eu não sei.
- Não sabe qual a quadra, o número da rua? Tem lápide?
- Tem o quê?
- Lápide. Nome dela gravado, data do nascimento e morte, essas coisas.
- Não sei.
- Assim fica difícil. Como é mesmo o nome completo dela?
- É Maria Viviane.
- Nome bonito. Mas deve ter sobrenome. Não sabe mais nada sobre ela, data da morte!...

Ela saiu desorientada, sem saber onde encontrar Maria Viviane naquele oceano de túmulos e cruzes. O homem calvo ainda a chamou:

- Volte aqui. Vamos ver...

Foi crescendo dentro dela uma pena enorme de Maria Viviane, perdida no oceano de cruzes. Resolveu ir embora, manquitolando, apressada. O homem calvo chamou-a:

- Ei, minha senhora. Encontrei o nome dela. Sei onde está.

Não lhe deu atenção. Atravessou o grande portão, apressada, manquitolando junto ao muro alto do cemitério, amparando-se nele, uma angústia enorme no coração.

Desapareceu na esquina no vestido azul desbotado, a fivela prendendo os cabelos não bem penteados e de fios prateados.

O CARROSSEL DESALUMIADO

... mas ainda teve forças para reagir e resmungar...

Fazia muito calor dentro do ônibus que, pontualmente, ela apanhava após sair do trabalho. Não havia ventilação, tornava-se mais difícil ainda respirar em meio a tantas pessoas. Além da quentura e do aperto, em pleno meio-dia, aquela raça de gente humilde, trabalhadora e fedorenta incomodava-a com facilidade. Os raios solares penetravam nas janelas emperradas fazendo uma espécie de efeito estufa no coletivo. Compulsivamente, ela se abanava, parecia ter nojo de tudo e de todos, protegia-se do calor e de qualquer contato físico.

Perto de sua casa, quando saiu do inferno, notava-se a fisionomia abatida que o ônibus subterrâneo lhe dera: os olhos arregalados, perdidos; o rosto pálido; os cabelos loucamente despenteados; a roupa desarrumada. O que seria apenas um intervalo para o almoço estava se transformando em um acúmulo de agonias e raivas. Não agüentava mais sustentar o marido, que só quer ver televisão, que não arruma um emprego, e o pior: não a procura mais à noite. Sempre diz que está cansado, hoje não, e vira para o outro lado da cama. Sem contar as noites que ele não passa em casa, talvez, como ela mesmo diz, deve estar com uma rapariga. Mas o malandro jura que estava no bar da esquina bebendo com os amigos. É o casamento.

Na caminhada até a casa, ela via a forma dos objetos de maneira diferente, opaca: as ruas retas faziam curvas; os pequenos arbustos eram grandes árvores horríveis; um inocente gatinho, que sonhava uma lata de lixo, parecia um enorme predador felino; o sol não



Eduardo Pragnácio Filho

(Fortaleza-CE, 1979)

Advogado e professor universitário. Poeta e ficcionista ainda inédito em livro.

mais brilhava, a escuridão tomava conta do céu... ouvia vozes, gritos, suplícius; o mundo, assim como sua mente, estava a girar. Naquele momento, tudo era um grande carrossel tenebroso, que não havia fila nem disputa para andar nele. Do lado de fora, tinha-se a impressão de que os sonhos giravam. Ou era ela quem girava e se perdia em meio aos confusos e terríveis pesadelos? Os sonhos são inertes, mas ela não é.

Queria logo chegar à casa dela, ter a proteção merecida, fugir do mundo que a observava, sair do carrossel que a deixava tonta e perturbada. E em seu próprio lar havia também algo errado: percebia que estava cada vez mais desprotegida, o marido ausente, a bebida... o carrossel ficando maior ainda, e somente ela nele. À medida que andava, os pensamentos intensos, mas as idéias se confundiam. Continuava caminhando e se perdendo. O imaginário, as imagens, a ilusão: a nova ordem. Era guiada pelo próprio caos que ela era, pelo caos que era, ao mesmo tempo, agente transformador e transformado. E suava muito. Constantemente limpando o suor que escorria pelo rosto.

Não precisou tocar a campainha, a porta estava meio aberta. Limpou os sapatos sujos no capacho. Entrou. Só pelo fato de encontrar-se em casa, um alívio. Entretanto, os pensamentos delinquentes e perturbadores ainda em sua mente. A sala do mesmo modo que deixara de manhã cedo...

Enquanto tirava os sapatos e afrouxava a roupa, passou o comercial na televisão, viu um palhaço, um carrossel! Correu até a cozinha, respirou fundo, bebeu água. Na pia, lavou o rosto. Começava a sentir tudo de novo: calor, ilusões, medo... o carrossel girando...

O corpo dela se abateu, caiu vagarosamente no chão. Encostou-se no armário, onde se guardam os talheres. Suava e suava. A respiração cada vez mais rápida. A cabeça doendo; o ouvido também. Os olhos se moviam de um lado para o outro. Ela se encolhia toda, como uma menina assustada. Sentia uma pressão enorme, vinda de todas as direções, que convergia em um único ponto: a sua mente. Naquele momento, corpo e mente eram uma coisa só, confundiam-se, e sofria as conseqüências da força do carrossel desalumiado, sem vida. A mulher estava diminuindo. O marido lá da sala vibrou:

— Querida, o Flamengo perdeu!!!

Ela abriu a gaveta, pegou a faca de cortar carne, encostou-a no pescoço. Estava completamente tonta, perdida, mas ainda teve forças para reagir e resmungar:

— Quem foi que perdeu...??



Eu não tive tempo de contar pro Armando e ele acabou me oferecendo outro copo. Recusei, convicta. Fazia duas horas que eu tinha decidido parar de beber. E dessa vez era pra valer.

Lembrei da minha mãe. Celulites, unhas vermelhas e cabelo pintado preso com grampos dourados. Uma blusa verde-anos-oitenta e uma bermuda de lycra, laranja com branco: filha, quando a gente quer consegue. Jogou o cigarro, pisou com as havaianas e falou nunca mais. E nunca mais mesmo colocou um cigarro na boca. Quer dizer, eu acredito que ficou mesmo os dois meses seguintes sem fumar. Morreu em seguida, atropelada. O pulmão já estragado, mas morreu foi de outra coisa. Que bom.

Eu não pretendo morrer, pelo menos não nos próximos dois meses. Armando podia parar junto comigo, pra me dar uma força. Mas eu duvido. Deixa ele aí, morrer de cirrose, o filho da puta. Eu, de minha parte, me levanto e procuro um suco, uma água. Nada. O mais suave aqui é uma cidra do ano passado. Odeio bebidas doces. E o Armando, filho da puta, me provoca. Eu parei, meu caro. Pra sempre.

Pego a bolsa e saio. Ainda está claro, horário de verão. Respiro. Duas horas e eu ainda tenho bafo de tequila. Já passa, tento me acalmar. E lá vem o ônibus. Atropelada não, pera lá, baú! Vou a pé mesmo. Onde? Pra longe. Iria ao shopping, se meus sapatos já não estivessem vermelhos de terra. Não posso ir a um shopping fedendo desse jeito. Boa tarde, D. Antônia. E a velha não responde. Ignorante.



Liana Araújo

(Fortaleza, CE, 1979)

Vive em Brasília desde 1996. Jornalista formada pela Universidade de Brasília, onde atualmente faz mestrado. Tem contos publicados na revista *Literatura* nº 32. Participa da antologia *Todas as Gerações* — *O conto Brasiliense Contemporâneo*, organizada por Ronaldo Cagiano.

Ei, como o mundo é diferente sem bebida. A gente fica outra! Vou pro salão Elise Hair, ali na frente. Fiado? E gargalha a puta. Custa nada, Chica, tô nova, sou outra. Só cabelo e unha, mulher, deixe de ser ruim. Ela me dá um vidro de esmalte quase seco, vermelho. Agradeço, mas bufo.

Se já não fosse tão tarde eu ia ao Centro pra tentar um emprego. Lá, dizem, quem sabe lavar roupa não volta pra casa sem dinheiro. É pouco dinheiro, mas dá pra cana. Dava, né? Pois eu parei e foi pra sempre. Minha mãe disse que ia parar de fumar e parou. Foi deus, menina. Voltou pra igreja e tudo. Boa idéia. Eu vou lá. Tarde, padre Zé Pedro. Tenho vinho hoje não, mulher. Vai rezar. E eu sorrio. Perdão o padre porque é padre. Se não fosse tomava um cotoco nas fuças. Ajoelho em frente à virgem. Ô dor desgraçada. Como é que essas beatas agüentam? Chega de sofrimento. Parei de beber foi pra não sofrer mais, pra ser direita. Mas isso aqui dói que é uma conversa. Pois é, minha virgenzinha, diga aí pra minha mãe, que tá no céu, que agora eu sou outra. Não vê minha cara? Chega minha pele não sua mais, chega eu respiro melhor.

Amanhã mesmo eu vou pro Centro. Sem ressaca. Entro na loja de pastel do Edmundo, peço um fiado com um pingado, que ele faz pra mim, eu sei, e vou à luta. Só volto empregada. Dizem que pra moça bonita como eu o comércio é ótimo. Ainda mais quando a gente não bebe. Será que aquela blusa de seda roxa ainda entra em mim? Ah, amanhã vai entrar. A gente tem que ir assim, bonita, alinhada, apresentada. Bem longe de parecer uma puta, como eu já pareci.

Olha aí o mercadinho. Oi, seu Lucas, boa tarde. Por que ele me olha assim de lado, de olhar 43? Ô homem besta, meu deus. O senhor tem sabonete? Tenho. O senhor tem suco tang de uva? Tenho. E faz fiado? Faço não, fia. Oxe, seu Lucas, pois agora saiba que eu não bebo mais não. Faça dessa vez. Ele estrala a língua e diz afe, mulher. Pois leva. Mas vai me pagar tudo, viu? É sessenta do lux e cinquenta e oito do tang. Dá um e dezoito e eu faço por um mesmo. O senhor é bom demais. Apertamos as mãos. Posso pegar dessa sacola aqui, com o desenho do mercadinho? Pode, leve.

Toda faceira. Sou outra. Só bebo tang agora. Vou ter dinheiro logo logo. Esses cornos vão parar de me olhar assim, ah vão. É tão bom a gente respirar assim, o ar bem puro, não fosse a lama nos cantos da rua, né, o ar seria purinho. Minha mãe me dizia que esse azul da lama é sabão que as mulheres deixam escorrer da calçada, de propósito. Eu, quando lavava roupa, não deixava. Acredito na minha mãe, mas antes pensava que era

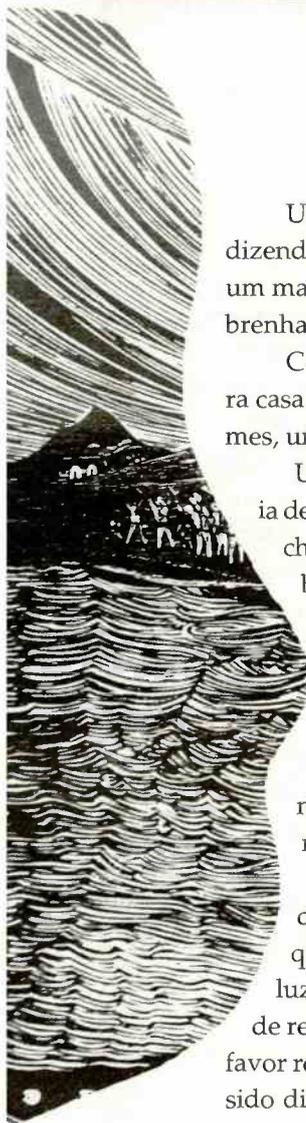
um drink chique que eu vi nos filmes, desperdiçado ali na lama. Não era. Graças. Agora, tequila que tem na minha casa é coisa boa. É amarela mesmo. Armando conseguiu em loja séria. Quase pegaram ele roubando.

Eu não roubo mais. Sou outra. Quero mesmo é trabalhar, entende? Poder comprar as coisas em vez de roubar, que é feio. Um dia eu li no vidro dum carro (por que eu sei ler e é bem): não me inveje, trabalhe. E acho que é isso mesmo. A gente vem pro mundo é pra fazer coisa certa, mas tem as erradas que desviam a gente. Por isso eu larguei de vez a bebida. Chega de tequila, cana, malibu, baianinha, dreher, natunobilis, são joão da barra. Tudo passado.

Continuo caminhando. Todos me olham e sinto que já é diferente. Oi, Marelena! Boa tarde, seu Juca, dona Penha. Esse sorriso só pode ser por que eles notaram que eu tô mudada. O bom é a gente ter esse apoio mesmo. Tropeço. E sinto uma fisgada aqui, debaixo da costela, na minha direita. Há de ser nada não. Estou ótima. Vejo o sorriso de Marelena amarelar. Ela era minha melhor amiga, sabia? A gente conversava todo fim de tarde, na calçada de casa. Foi ela que me apresentou o Armando, essa desgraça. Mas não guardo raiva dela não. Agora parece preocupada. Só tropecei, mulher. A dor continua, mas eu sorrio. O céu tão claro ainda. Marelena vem me abraçar. Somos amigas de novo. Coisa boa. A vida está mudando pra mim. Até a rua parece estar rodando, as casas, a igreja. Parei de beber, mulher. E ela que bom, mas sente aqui viu. Trouxe um copo d'água. É pro tang, eu penso. Mas já não estou na cadeira. Sinto areia do piso entrando na minha boca seca. Minha língua tá mole. Mas eu parei, juro que parei. Faz bem três horas já. Se fecho os olhos a vontade é cair num barril de cachaça. Uma tentação me atentando. Tenho sono e medo que alguém veja minha calcinha, eu aqui deitada. Armando sorri e acena.



UM CRONÔMETRO PARA PISCINAS



Um instante só de minha distração, e Alídio, o comerciante, dizendo-se cliente do Coronel, contou a história do próprio pai, um matuto muito trabalhador, valente e cheio de mulheres, lá das brenhas dos sertanejos, perto de Arapiraca.

Contou que só de mulheres com o nome de Vera, o pai montara casa para três, novas e bonitas, mas havia outras, com outros nomes, uma infinidade de Marias, Antônias e Franciscas.

Um dia, ele desconfiou que uma daquelas Veras o traía. Fez que ia de viagem e foi, mas voltou antes do fim do caminho, a ponto de chegar no romper da barra. Buzinou e focou a luz da camionete bem em cima da casa. Só deu tempo ver, bem ligeira, a janela do oitão lateral se abrir como se fosse uma lufada de vento ao contrário, e, no seu rastro, a pernada do cabra. Um corisco teria sido mais lerdo, fugindo, seminu, para o matagal, o cabra. Dois tiros rápidos, do pai, mas não acertou nenhum.

Então, súbito, na seqüência da pernada, surgiu, na janela, um rosto na direção do cabra, fugindo. E voltou-se, em rosto, bem na direção aos tiros...

«Meu filho – assim me disse meu pai –, era um olhar tão doce e gentil, que, imediato, lancei-lhe a desistência. Sim, acho que ela me viu. Era contra os faróis do carro, mas era a favor da luz do sol, que acabara de nascer. Viu, sim! Ela me viu! A Vera, de remorsos, olhando só para mim! O problema, meu filho, e por favor repare nos seus irmãos pequenos, é que o terceiro tiro já havia sido disparado. Bem no meio da testa – e se benzeu –, lá nela». O comerciante prosseguiu, baseado no que lhe dissera o pai:



Soares Feitosa

(Monsenhor Tabosa-CE, 1944)

Poeta e contista. Edita o "Jornal de Poesia" (www.jornaldepoesia.com.br), um sítio de literatura na internet. Publicou *PSI, a penúltima*, de poesia.

— Ela, ali, pelo lado de dentro da casa, ciscando como uma galinha quando a gente lhe puxa o pescoço. As crianças acordando e chamando pelo nome dele, pai, a Verinha e o Francisco. E pelo dela, mãe, o nome. Eles já estão crescidinhos, sabem ler e escrever, mas não esquecem. Dizem que não perdoam, mas o pai faz de tudo pelos pequenos. Eu também faço, são meus irmãos, só de pai é certo, mas são.

— ?

— Conteí essa história ao Coronel quando fui-lhe pagar uns honorários de outra questão e lhe levei de agrado um pacote de castanhas torradas. Ele abriu um uísque e tomou três cálices, sorvendo-os, na ponta da língua, sem gelo, sem nada, como quem toma chegada de um vinho raro.

— ?

— Não, nunca vi ninguém beber daquele jeito! Não era emborcando o copo de goela abaixo. Era assim, de leve, na ponta da língua, debicando com muito cuidado, mas rapidamente tomou três cálices e comeu meio prato de castanhas torradas na manteiga, com sal. Nunca vi ninguém beber uísque em cálice. Ele insistiu comigo, mas eu não estava bem da gastrite.

— ?

— Agora, essa história de que a finada se virara para meu pai justamente para levar o tiro bem no meio da testa, lá nela, e que os olhares se haviam cruzado, isto quem inventou foi ele, o senhor Coronel.

— ?

— Sim, ele mesmo, o Coronel! A história que eu havia contado era bem simples. Meu pai havia errado os tiros no cabra, mas acertou um na testa de Vera. Mas assim que terminei de contar, aliás, à medida que eu ia contando, ele botava esses enfeites de que ela olhara primeiro para o cabra, depois na direção de onde vinham os tiros. Também o lance da aurora, das luzes se cruzando, da camionete e do sol, ele que inventou. Confesso que fiquei muito emocionado, sobretudo com isto de o senhor Coronel dizer que meu pai a perdoara. Acho difícil, meu pai é um homem brabo, do sertão.

— ?

— Mas, pensando melhor, talvez o senhor Coronel esteja certo. Meu pai não pode falar no nome dela que já começa a tossir. E, com pouco fica vermelho. Sei não, talvez ele, naquela hora, fosse perdando com uma mão e atirando com a outra...

— ?

— Perdoou, sim, tanto que não mandou matar o cabra, o que é de lei, lá, dando-lhe tempo para fugir para um seringal do Acre. Depois, meu pai disse a um parente do cabra que ele podia voltar, como de fato voltou, e ambos rezam, sem se cumprimentar, é claro, no túmulo da finada, mas quem chega por último espera que outro termine.

— ?

— Depois de comer as castanhas, aliás, comendo-as e falando, o Coronel me garantiu que o homem valente é aquele que anda desarmado. Pediu meu revólver. Eu entreguei. Ele disse que daria fim nele... acredito que tenha dado.

— ?

— Então, ele mandou um abraço para o meu pai. Mandou a senhorita estagiária comprar dois presentes para as crianças, os filhos da finada, meus irmãos de pai.

— ?

— Sim, ele me deu um presente: um cronômetro de piscinas que eu nem sabia como funciona, mas ele ensinou.

— ?

— Ele me disse: «Alídio, em qualquer aflição, acuda-se deste cronômetro. Marque o tempo que quiser e repare no ponteiro correndo em direção ao eterno. Que pode ser morte, que pode ser vida, que a diferença é nenhuma. Quem dirá o lado vencedor será sua mão, sua mão... Assim, ó!» – E botou a mão em pé, como quem mede a altura de um porco, virando-a para direita e para a esquerda, lá e cá, à fortuna.

— ?

— Só então me dei conta de quanto é frágil o pender da morte, da sorte.

— ?

— Sim, eu ando com o meu. Na saída passei na loja em frente ao escritório do Coronel, e comprei um cronômetro de piscinas igualzinho para meu pai – disse o comerciante, Alídio.

Ah, meu caro leitor e minha distinta leitora, como se não pudesse existir história mais confusa do que esta, o comerciante engasgou-se com a própria fala. A mãe do Coronel socorreu-lhe um cálice do vinho das paridas. Ele retemperou-se e chispou na mesma carreira em que havia chegado.

Acho que o cabra que saltou a janela da cama de dona Vera – que Deus a tenha! – ficara menos aflito, ainda que correndo das balas no garranchal do sertão, do que Alídio, o comerciante.

O fato incontestado, ali, na frente de todo mundo, é que a história do pai de Alídio, o comerciante, fora remendada pelo Coronel. O monge reclamou:

— Senhor Coronel, esse comerciante contou a vergonhosa história de um triste assassinato. Com que direito o senhor lhe enfeitou a versão, inventando esse lance da troca de olhares? Perdão!? Quem já viu assassino perdoar ninguém?!

Antes que o Coronel respondesse, alguém falou que fora com esses ornatos que ele ganhara a questão do pai do comerciante e, evidente, novos pagamentos, novas castanhas e outros uísques a debicar no cálice.

Sim, eu concordo que a história seca seria algo bruto, mas, com o lance do trágico, da força impossível de atender, mais o lance do perdão – e algum dinheiro do comerciante, é claro –, fora assim que o Coronel lhe soltara o pai.

Não! Não deu para identificar de quem, mas em meio a essas divagações, uma voz, que até desconfio que tenha sido o próprio monge, de ventríloquo. Não será surpresa se tiver sido ele. Ou, quem sabe, tenha sido do Profeta a voz que nos pegou a todos de surpresa: «Nisto a Arte, meu caro senhor monge Jorge! Porque só a Arte tem o legítimo poder de transformar o puro em imundo; o imundo em sagrado. Onde se lia o Mal, leia-se o Bem!»

E, numa compulsão terrível, desta vez reconhecido, assim falou o senhor Capitão:

— Só a ARTE, meu caro Bibliotecário Djalma! Só a ARTE!



INDESEJÁVEL, INDESEJÁVEL...

O chefe usava a gravata listrada de todas as quartas-feiras sobre a blusa branca apertada em seu corpo gordo.

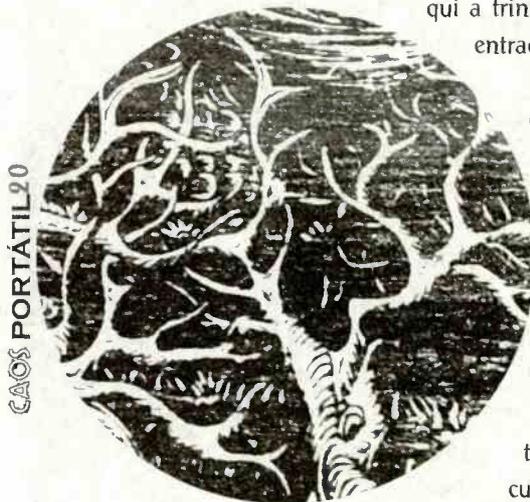
- Quero o relatório de custo!!! Na minha mesa, daqui a trinta minutos. - berrou, antes de sair da entrada do cubículo.

Além das cores frias do software da empresa, o homem de idade indefinida, há muitos anos como empregado da empresa, estava trabalhando com a mente ligada no modo piloto automático.

Desde que entrara ali, todas as primeiras quartas-feiras do mês eram assim: gravata listrada, relatório de custo, trinta minutos, mesa, matar um tempinho na máquina de café, voltar ao cubículo, olhar as pernas e o decote da secretárias para uma eventual punheta horas depois.

Porém, aquela quarta-feira ostentava um brilho glorioso.

Ao invés de fechar as janelas de bate-papo e pornografia para iniciar o relatório de custo, o pacato escravo



CAOS PORTÁTIL20

Yuri Leonardo

(Fortaleza-CE, 1989)

Estudante, conhecido como "Datenshi" no fórum de escritores www.forum.fanfiction.com.br, onde publica a maior parte dos seus textos. Também é autor do zine "Gauche".

do colarinho branco, corroído por ações rotineiras silenciosas, decidiu levantar-se da cadeira e olhar por cima da parede do seu cubículo.

Pobre escravo.

Viu a cabeça do seu chefe se abrir e o cérebro se expor. A secretária levantou o braço para olhar o relógio de pulso: suas articulações estavam costuradas por fios de náilon. Os três empregados que estavam ao lado da máquina de café tinham enormes buracos no peito, por onde saíam tripas flutuantes e coágulos vermelhos. Antes de voltar ao silêncio do seu cubículo, o pobre escravo viu dois estranhos visitantes parados na porta, com grandes óculos de mergulho em cabeças desproporcionalmente enormes.

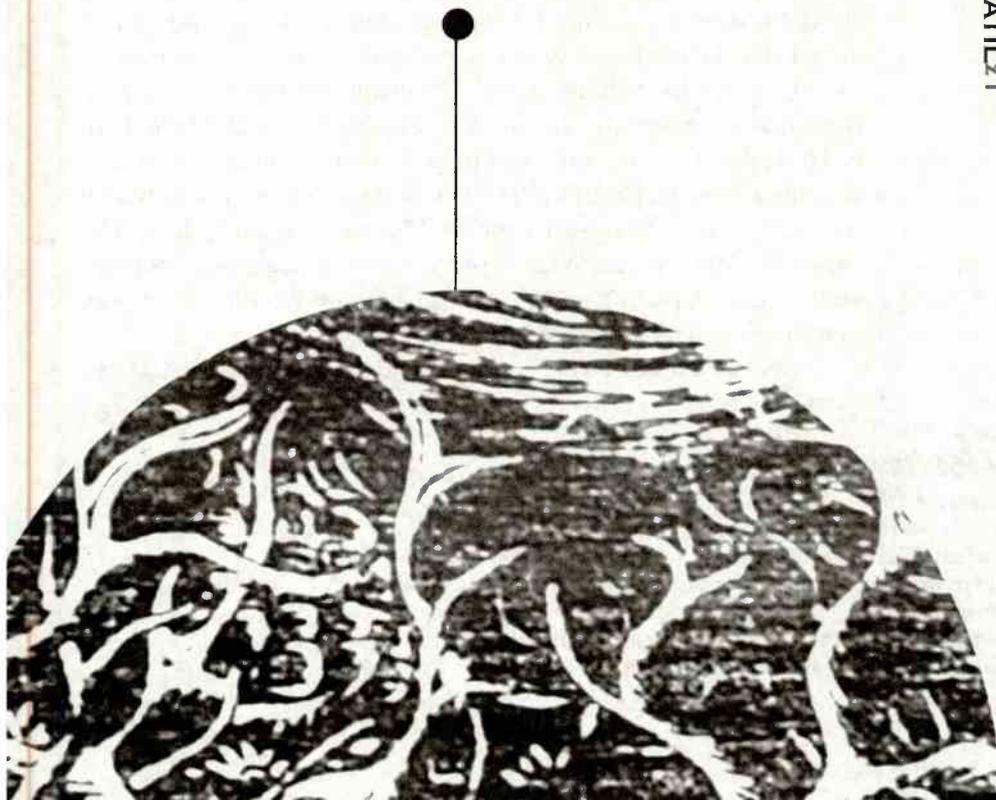
...

Trinta minutos depois, o relatório foi entregue na mesa do chefe, composto de cento e oitenta e duas páginas, todas preenchidas pela mesma frase, em fonte Times New Roman, tamanho doze, negrito:

"isto é o próprio inferno"

...

Era assim toda primeira quarta-feira do mês, de brilho glorioso ou não.



O TRANCELIM DOURADO



CAOS PORTÁTIL 22

Fazia dois anos que a vira pela última vez, o homem lembrou-se ao repetir, certo dia, os mesmos passos das madrugadas dos domingos, quando tinha o hábito de sair muito cedo. E observara, surpreso, a inesperada cena.

Era uma escultura em ébano, altiva, erguida sobre o piso da área de serviço. O ruído do jato da torneira aberta na bacia de cimento, a cuia cheia repetindo os mesmos movimentos de entornar água sobre a cabeça, tantas vezes precisasse molhar o cabelo frisado, que não molhava.

Passara pela lavanderia, nesse dia, quando se encaminhava para pegar os caniços da pescaria, no quarto de depósito, surpreso com aquele banho inusitado, ao ar livre, antes do amanhecer. Fizera de conta que não a vira, pois não desejava fosse perdida certa distância mantida numa espécie de respeito mútuo. Mas tinha olhado o tempo suficiente de vê-la, escura e luzidia, passando a mão no peito, assustada. Faltava o cordão de ouro torcido, com a medalha milagrosa!

Do alpendre da frente de casa, enquanto amarrava os caniços e organizava o material, vira passar o carro preto arredondado. Um carro de praça - o mesmo que a pegava cedo à noite, tantas vezes, durante a semana. Deslizando lento pela rua, uma sombra, como se o escuro desse espaço para sombras. Mas ele vira. Uma, duas, três vezes, rondando o quarteirão, à procura dela. E ficara sem compreender o que se passava, pois - pela cena da lavanderia -, imaginou que o carro acabara de trazê-la de volta.

Deixara a mulher e os filhos dormindo, seguindo para sua pescaria semanal. →

Thereza Leite

(Fortaleza-CE, 1941)

Jornalista, pela PUC/RJ, e Administradora de Imprensa, pela Universidade Estadual do Ceará. Editou o livro *Mosaicos* (contos, 2005). Tem contos e crônicas publicados em várias coletâneas, no Brasil e em Portugal. Premiada em diversos concursos de literatura, dentre os quais: Iº Prêmio Banco Real Talentos da Maturidade; IV Prêmio Ideal Clube de Literatura; IV Concurso Literário Algarve-Brasil; Concurso Literário Cidade de Amora, Portugal, dentre outros.

Gerusa tinha um porte de mulata do tempo da escravidão. Alta, fornida, os olhos enviesados, as maçãs do rosto, salientes, ela trazia a cabeça erguida com altivez. A blusa branca, os ombros nus, um pano amarrado na cabeça, parecia recém saída de uma gravura tirada de livros antigos, cheirando a mato, a saia salpicada de pequenas flores.

Presença fiel, junto aos da casa, no amor era inteiramente livre... Desde quando se oferecera, à porta, deixara bem claro que trabalhava feito um mouro e podiam entregar-lhe ouro em pó nas mãos: era de toda confiança, assim dizia. Mas à noite, saía, por isso não olhava as crianças. Um acordo tinha se estabelecido entre eles, oralmente, sem que se buscassem referências anteriores.

O carro escuro continuara, nas noites seguintes, dando as mesmas voltas em horários variados, lento, chamando a atenção. O motorista olhava, acintosamente, para a casa, diminuía a marcha, mas não parava. A rua era pública, não tinha como reclamar se, afinal, não havia nada mais concreto a dizer, que justificasse dar parte à polícia. O homem seguia silencioso. Mas aquela ronda persistente, quase uma ameaça, começava a incomodar.

Questionada, Gerusa não dava explicações. Tinha o hábito de fazer-se surda e falar andando - as palavras ficavam pelo meio do caminho, truncadas; ou de virar o rosto, com raiva, quando invadiam seus domínios. Queriam insistir, mas era difícil estabelecer qualquer diálogo: ela não falava da sua vida pessoal.

Já pensavam tomar uma providência - talvez tivessem sido precipitados ao recebê-la sem informações - quando precisaram sair para um compromisso que não podia ser recusado. Gerusa já havia angariado a confiança deles e, só dessa vez, se prontificara a ficar em casa, com os filhos.

Ao retornarem, próximo da meia noite, já à altura da esquina, viram um burburinho em frente à própria residência - o carro da polícia com as luzes piscando, a rua interditada. O guarda postado à calçada, na passagem frente à casa do comandante, falou alguma coisa e deixou-os passar, mas, os vidros fechados, não ouviram o que dizia, direito. Tinham pressa.

Encontraram as crianças assustadas, sem saber dizer o que acontecera, junto aos vizinhos, que as protegiam. Na casa, objetos espalhados pelo chão, cadeiras afastadas e a mesa fora do lugar denotavam que houvera ali um confronto. Gerusa não mais se encontrava.

Correram os dias seguintes, os meses seguintes, sem nenhuma informação sobre ela, nenhum som do carro escuro dando voltas, nem aquele rosto sombrio, voltado para a casa, parecendo fiscalizar...

As crianças, não podiam ser interpeladas, não tinham alcance para explicar. Tentaram saber notícias com algum parente. Quem sabe alguma amiga, das casas ali próximas. Nada, nenhuma informação! A polícia não tinha um dado, sequer. A única pista, que ainda tiveram, foi quando um dos guardas da esquina – dentre os três que se revezava em turnos de oito horas - veio trazer a medalha milagrosa pendurada na grossa corrente. Dizia ter sido encontrada por ele, no gramado da casa do comandante, na esquina.

Passado algum tempo, o homem organizou, ao amanhecer, mais uma vez, o estojo com seus miúdos apetrechos e saiu para a sua pescaria costumeira. Ainda a caminho, um barulho rouco de motor – lembrando algum momento anterior – o fez virar-se para a janela do lado direito. Um carro de cor vermelha – parecia conhecido, – estava emparelhado ao seu, e o motorista dentro o olhava com olhos enviesados, já vistos antes. Havia uma maldade tão ferina, naquele jeito de olhar do desconhecido, que ele – tomado de um pressentimento – não teve dúvida: era o mesmo carro preto daquelas rondas anteriores, passando frente ao seu alpendre – agora pintado de outra cor.

Voltou apressadamente para casa. Largou seus apetrechos de pesca na varanda, e entrou, pisando leve, para não acordar a família. Um silêncio desolador pairava sobre os quartos. Era um silêncio de casa vazia.

Assombrado, sem saber que rumo tomar, ele percebeu então os cupins a sair de invisíveis buracos no canto alto das paredes, caminhando em finas fileiras a riscar o teto, descendo depois pelas esquadrias de madeira das portas e janelas, persistentes, em direção aos móveis. Depois, a minar do chão, tecendo compridos caminhos que ondeavam em riscos sinuosos, contornando os pertences da casa, dobrando quinas, atravessando soleiras, descendo degraus. Alguns voavam, confusos, dentro da sala, e outros saíam pela janela.

O homem olhou então a parede lisa da sala. Algo ia se formando ali, como se estivesse sendo desenhado a bico de pena. Estarrecido, permaneceu imóvel. Foi quando viu o rosto de Gerusa – os olhos enviesados, o pano amarrado à cabeça, o colo terminando no risco do decote da blusa. Uma gravura a nanquim! - pensara assustado! Sem o contorno da corrente no pescoço!

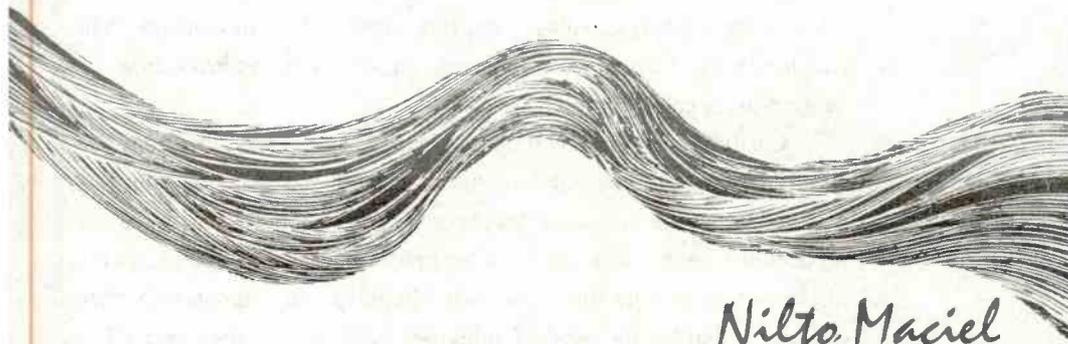
Nunca mais se ouviu falar de Gerusa. Nem se viu mais o carro preto. Ou vermelho. O homem partiu. A casa foi demolida. E o comandante, estranhando todos aqueles acontecimentos, logo no dia seguinte, remanejara a guarda...

A CONSTANTE POMPA DOS SERES

Sonhei mais uma vez com Maria. Eu me aproximava de seus olhos azuis e me perdia neles, afundava. Quase sem vida, retornava e me via diante de seus lábios. Queria beijá-los, mas ela se elevava como borboleta, e sorria. Bailava ao ar livre. Os cabelos louros esvoaçavam ao vento. Sorria sempre, como se dançar fosse ser feliz. O vestido branco rodava e, a cada rodopio, pernas e coxas se faziam ver. E, enquanto eu me extasiava, ela mais se afastava de mim, no ar, entremeava-se às nuvens e nelas se perdia.

Maria, no entanto, é apenas minha idealização de mulher. Talvez nem exista ou viva somente em meus sonhos. Pois não conheço nenhuma moça loura, bailarina e linda. Falam de belas mulheres, cabelos e pés de seda, olhos e pernas de aves plumosas, lábios e coxas de lã. Nem sei como são.

Vivo a lembrar os meus sonhos. Não exatamente as histórias. Não me interessa muito por tramas sem desfecho. Prefiro os seres, os objetos, as



Nilto Maciel
(Baturité-CE, 1945)

Formado em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Criou, com outros escritores, a revista *O Saco*. Edita há mais de quinze anos a revista *Literatura*. Ganhou vários prêmios nacionais. Possui contos e poemas publicados em esperanto, espanhol, italiano e francês.

Publicou mais de uma dezena de livros de ensaios, poesias, romances e contos. Ainda participa de diversas antologias de contos no Brasil e no exterior.

paisagens. Passo horas a imaginar ou reinventar paisagens. Uma casinha no sopé da serra, árvores, caminhos, o céu. Pinto a janela, as paredes, o telhado da casa. Porta marrom. Como será uma porta marrom?

Ontem, ou não sei quando, eu via um cavalo a trotar, montado nele um homem. A cara do animal, de perfil, parecia de homem, barba branca, coroa dourada na cabeça. Talvez uma máscara. Cobria-lhe o corpo uma veste azul e branca. O cavaleiro também usava coroa, semelhante à do cavalo. Suas vestes, compridas, como um vestido, deixavam de fora somente rosto, mãos e pés. Às costas carregava asas, como as de morcego. A mão direita segurava um cajado. Seguiam-lhe outros cavalos montados, todos com cara de gente. Ao fundo, uma árvore pequena, de poucas folhas azuis e brancas. Imagino assim a cena ou o cenário. Porque não sei como são as cores.

Eu queria ver as paisagens de meus sonhos. E as pessoas, os outros seres, os objetos. Um castelo de pedras, muitas janelas, portas, torres, muralhas, fossos. As paredes firmes e de pedras antigas. Uma princesa loira a se pentear. Um cavalo alazão a correr. Anões bem vestidos e tagarelas. Como será mesmo um castelo assim?

Imagino também dromedários no deserto. O pescoço longo, a barba de lã, o focinho proeminente. Seus passos lentos ou largos na areia a voar. O sol, a sede, a solidão. A cor da sede, a voz do sol, as formas da solidão. No horizonte, céu e areia misturados. Como será?

Quando estou só, revejo tanta coisa bonita. E quero dormir, para sonhar. Sorrio ou me entristeço. Porque jamais verei novamente a menina a brincar com bonecas. Falava com elas, como se fossem também meninas. Jamais verei o menino enrodilhado em si mesmo, no berço enfeitado de guirlandas coloridas.

Quando menino, fazia muitas perguntas a meus pais. Eles nunca davam respostas satisfatórias. Eu insistia e, às vezes, eles se aborreciam. Ora, pare de fazer tantas perguntas. Você não irá entender nunca. Então eu queria dormir e sonhar com carneirinhos brancos voando no céu azul. Liam histórias e versos para mim: "Na ogiva fúlgida e nas colunatas / Vertem lustrais irradiações intensas / Cintilações de lâmpadas suspensas / E as ametistas e os florões e as pratas". Eu queria ver, de bem perto, aquela ogiva fúlgida. Mas como ver o invisível?

Mesmo sabendo que nunca ouviria respostas claras, eu não desistia de fazer perguntas: Mãe, em música azul? Não, música não tem cor. O mar,

sim, é azul. Ora, o mar azul é música. Ela gaguejava e terminava concordando comigo. Vamos ver o mar amanhã! Vou lhe mostrar como o mar azul é música. Fomos, permanecemos horas na areia da praia, a escutar o barulho das ondas, a música profunda, longa, interminável das águas. Como será o paraíso! O jardim das delícias, meu filho. Pois quando estou com você eu vejo o paraíso.

A todo o momento quero dormir. No entanto, não é possível viver sempre a dormir. Seria o mesmo que morrer! Não acordar mais! Quero sonhar com montanhas, mares, maremotos, tempestades, procelas, abismos. Falam-me delas e deles, mas não sei se os imagino como são. Dizem: Que céu lindo! Que dia maravilhoso! Eu quero ver esse céu, esse dia, essa vida. Escuto música, como quase todos. Mas os surdos, coitados!, nada ouvem. Coitados! E eles, o que dirão de mim! Coitado!, certamente. Como é a música, mãe! É como a fala. Não, não é, porque a minha fala é cavalos assustados em disparada. Eles partem sem rumo e nunca sabem aonde irão chegar. Nem sabem se algum dia chegarão. De onde você tirou isso, Toninho! De dentro de mim, da alma. E como é a sua alma! É campos sem fim, de todas as cores e formas.

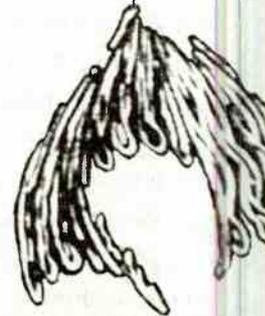
Desisti de fazer perguntas aos outros. Nunca me davam respostas claras. Agora faço perguntas a mim mesmo. Se os que vêem não podem ver Deus, como posso eu vê-lo! Terá Deus cores e formas! Não importa se as tem, porque nós não as veremos nunca. A beleza maior é o jardim das delícias, suas flores de todos os feitios e cores! Será a sinfonia dos pássaros! Mas um pássaro é somente um canto, se não o vemos. Uma flor é somente um corpo, se não a vemos.

Quero dormir, sonhar. Quero rever Maria, seu bailado, seu sorriso, sua vida. Pois tudo é luminoso nos meus sonhos. A vida pisca, intensa, como se, além de mim, ao meu redor, se iluminassem em constante pompa os seres. Em festival de cores.

Nota:

Os versos entre aspas são de Augusto dos Anjos.

SILENCIÁRIOS



Faz duas horas que ela desapareceu dentro do quarto. Mais um pouco ela sai e procura o que fazer. Vai passar pela porta sem dizer palavra, sem olhar. Irá me ignorar como se eu não estivesse ali. Começará a cozinhar qualquer comida. Jogará alguma coisa no lixo. Olhará pela janela a chuva, o frio.

Não sairei do escritório nem terei com ela, quando ela deixar o quarto. Com certeza, continuarei no quarto a escrever tolices.

Meus dedos baterão forte no teclado. O café tão cheio de açúcar será limonada. Ouvirei suas pisadas em direção à cozinha. Logo a cebola, o alho. Tentarei me levantar e fincarei, novamente, as nádegas na cadeira e fecharei a possível matraca.

Ela estará tomando o suco de maracujá, vestida no robe que eu lhe dei no nosso aniversário. Os olhos vermelhos como os de coelhinho da páscoa. Os pés descalços no azulejo frio.

Mais um cigarro não me fará tão mal. Depois, sairei com um poema, do escritório, e cruzarei com ela pelo corredor. Ela voltará ao quarto quando sentir a minha presença. Eu abrirei a geladeira, acharei o suco de maracujá uma tolice maior. Tomarei o de uva, industrializado, e voltarei para a minha dor.

No quarto, ela cruzará as pernas e baterá com as mãos na cama por três vezes e mais duas, desritmadas. Eu porei as mãos em minha nuca à procura de alguma palavra. Ela retirará o robe e dormirá nua. Eu terei uma insônia na frente da tela, desesperado.

Nos encontraremos no café como nada acontecido. Eu darei bom dia e ela me retribuirá. Nos lembraremos do tempo de nossa separação, quando ainda dialogávamos e não nos entendíamos. Nos sentiremos tão felizes por sempre irmos um para cada lado – nem nos questionaremos se algo precisaria ser dito.

Ivaldo Ribeiro Filho

(Picos-PI, 1974)

Morou por dezesseis anos em Fortaleza. É poeta, contista e letrista. Publicou três livretos de poemas: *O chão visitado*, *No intuito de nenhuma via* e *Cruviana*. Possui poemas e contos publicados nas revistas *ArraiaPajéurbe*, *Jornal de Poesia*, *Cronópios*, *Gazua*, *Per versus*, *Correio das artes*, *Et Cétera* e *Famigerado*. Reside, atualmente, em Teresina.

Na aula, certos deco-
tes eram mais relevan-
tes que as idéias de
Marcuse e Sartre.

* * *

Afinal de contas, qual puta pro-
fessora ensinou tanta safadeza
a estas dezoitanas virginais!

* * *

A avó iracunda e velhíssima pergun-
ta ao neto saradão que assiste à luta
de vale-tudo na TV:
— E então, o que você está esperan-
do para me matar, seu bosta!

* * *

Chorando, ela procurava, no
obituário do jornal de hoje, o
nome do ex, aquele safado, que
ela dera por morto desde ontem.

No ponto do ônibus, ao meio-dia, Lucivânia e
Valdênia ignoram as Kombis que flertam com
elas, como se esperassem, com pose de dondoca,
o metrô que não as levará para a gare Saint-Lazare.

* * *

Tudo começou a desandar quando eu,
taquicárdico, já nem mais olhava para
ela, bradicárdica, o coração oprimido
pelos pulmões cheios de suspiros.

* * *

No fundo da rede, a vida mirran-
do-lhe, Mané Teixeira pega a mão
da mulher e sussurra:
— Lááá vai o besta do Mané
Teixeira!

* * *

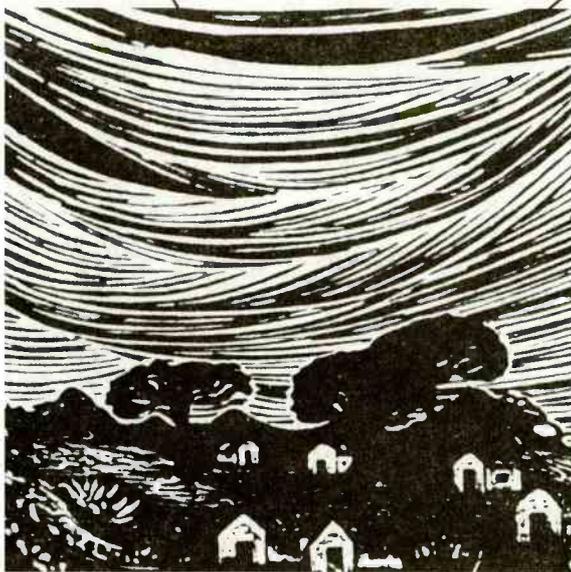
A menina penteia os cabelos loiros da bo-
neca, a ser disputada pelos pilotos dos caças
de plástico do menino, que bombardeiam o
forte apache, na sala da avó.

Felipe Barroso

(Fortaleza-CE, 1963)

Professor universitário e advogado. Livro de estréia: *O velho que ainda escrevia cartas de amor* (2005 - II Edital de Incentivo às Artes da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005). Documentário em vídeo: *A Padaria Espiritual* - IV Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo (Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004/05). Nas horas vagas, escreve roteiros e dirige documentários.

O DESTINO



Como de costume, o rapaz escolheu a última poltrona e colocou a bagagem sobre a do lado, pretendendo viajar sozinho com seu livro e impedir quem quer que fosse de se sentar ali para puxar conversa. Detestava dialogar com estranhos.

Pouco antes da partida, uma velha senhora entrou no ônibus e, embora existissem ainda vários assentos vazios, pediu licença ao rapaz, que muito a contragosto retirou a mochila da cadeira. Aborrecido, admitiu ter ganhado um vizinho; fechou o livro e adormeceu por algum tempo.

"Você não vai descer aqui?"

Pensei que pudesse ser o seu destino..." Disse a velha tentando acordá-lo, ao chegarem a uma cidade desconhecida.

"O destino... Meu destino?", o rapaz acorda assustado, ainda mais irritado que antes, e através da janela tenta demoradamente identificar aquele lugar: "Não, creio que vou descer mais adiante..."



Cherlanyo Barros

(Itapiúna-CE, 1982)

Estudante de Comunicação Social. Tem textos publicados na revista *Palavra em Mutação*, editada em Portugal. Autor do livro de contos *Dulcinéia em Hollywood* (2006). Possui dois livros ainda inéditos: *O Inventário das Sombras* (romance) e *O Mistério de Frida Zeiden* (contos).

A outra prossegue:

"Vai para a casa dos pais... De amigos?"

Quis indagar: "Isso aqui é o banco dos réus, por acaso?", mas dessa vez não responde nada, apenas tenta dormir novamente colando o rosto no vidro frio da janela.

A viagem prossegue e depois de muitas horas chega ao fim. Despede-se da velha e sai com sua mochila, mas ao voltar-se para trás percebe que ela está olhando em sua direção. Reaproxima-se.

"Você esqueceu isso aqui", ela diz, entregando-lhe o livro. "Vai para onde?"

Depois de uma longa pausa, responde:

"Beber alguma coisa, tenho sede".

"E depois?"

"Você quer saber a verdade?"

"A verdade".

"Realmente ainda não sei."

A outra sorri:

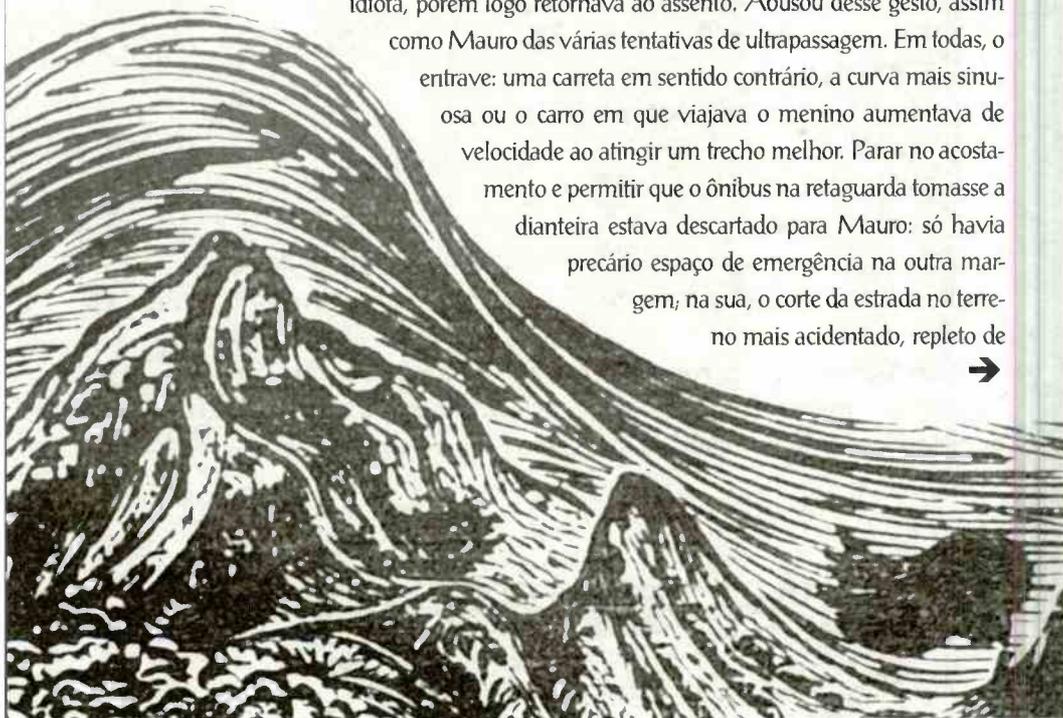
"Então, boa viagem!", diz, permanecendo na cadeira, como que fosse fazer a viagem de volta para o mesmo lugar de onde partira.

Enquanto isso, o rapaz tenta ao menos descobrir que lugar era aquele em que havia ido parar. E repete, como que acordando do mesmo sonho que tivera durante a viagem: "O destino?"



PEGA EU, VAI!

Acidentalmente ou não, o disparo poderia sair a qualquer instante e Mauro precisava ficar esperto. O garoto – no jipe que seguia logo à frente do seu – enfiava metade do corpo pela janela, apontava o rifle na sua direção, abria um sorriso idiota, porém logo retornava ao assento. Abusou desse gesto, assim como Mauro das várias tentativas de ultrapassagem. Em todas, o entrave: uma carreta em sentido contrário, a curva mais sinuosa ou o carro em que viajava o menino aumentava de velocidade ao atingir um trecho melhor. Parar no acostamento e permitir que o ônibus na retaguarda tomasse a dianteira estava descartado para Mauro: só havia precário espaço de emergência na outra margem; na sua, o corte da estrada no terreno mais acidentado, repleto de



Astolfo Lima Sandy

(Sobral-CE, 1952)

É autor do livro *Mão de martelo e outros contos* (1998). Participou do *Almanaque do conto cearense* (1998), da *Antologia do conto nordestino ano 2000*, entre outras. Em 2002, *A grande fábrica de brinquedos* recebeu o Prêmio da Biblioteca Nacional para escritores com obra em fase de conclusão. Tem contos em suplementos literários e sites na internet. Vencedor de vários prêmios literários. Concluiu recentemente o romance *Exuberante pós-nada*, ainda inédito.

pedregulhos, e o precipício – parcialmente encoberto pela cerração. Mauro entendeu que seria melhor se adaptar àquela circunstância por mais uns vinte minutos, tempo presumível para concluir a descida. Tinha, contudo, uma certeza: ainda que escapasse inteiro, não deixaria impune o pequeno cafajeste.

Em determinado momento, quando o seu utilitário se aproximava perigosamente do outro, que era guiado por uma senhora, Mauro percebeu que o moleque, sozinho no banco de trás, lhe abanava as orelhas com as mãos naquele aceno típico de quem se dirige ao asno, e viu também no cano do rifle, parcialmente fora da janela, muita semelhança com um desses armamentos modernos, mira a laser etc. – embora não descartasse a possibilidade de estar diante apenas de sofisticada arma de brinquedo. Só não apostou nessa última hipótese pela aflição da mulher ao volante, voz ecoando estridente como se repreendesse o garoto por aquela atitude disparatada, repetida a intervalos curtos, algo sistemática, ilógica. Metia-se o safadinho pela janela, escorava-se a um anteparo, esboçava o sorriso parvo e, imitando os safáris, mirava a cabeça de Mauro: dedo claudicante ao gatilho, escorregadio por vezes sobre a coronha, mas logo reassumindo a posição original. Feito isso, retornava mansamente ao seu lugar e ali permanecia, todo manha. Teria uns dez anos, se tanto, o vadio.

Mauro não tinha dúvida de que qualquer vacilo poderia ser fatal, ainda que o menino não tencionasse abrir fogo contra sua cabeça: uma freada brusca, derrapagem ou solavanco mais forte. Por instantes torceu para que a arma fosse mesmo de brinquedo. Só murchou de vez ao visualizar o logotipo de conhecido clube de caça colado ao pára-choque do utilitário que seguia adiante. Achou que o mais razoável seria se mostrar simpático ao pilantrinha, sorrir contra a vontade, fingir que aceitava na boa aquela encenação estúpida, quem sabe até pegaria seu revólver no porta-luvas e o apontaria no rumo do pequeno boçal, mostrando com isso seu desprendimento e tolhendo nele todo o encanto de comandar a farsa. Ou não! Havia, sim, o risco de o pivete se sentir acuado e pressionar o gatilho. Melhor não facilitar. Manter-se indiferente talvez fosse mais aconselhável – Mauro supôs. O sujeitinho logo escalaria outro para suas investidas absurdas, provavelmente dentre os muitos viajantes que subiam a ladeira, tomando até mais cômodo aquele gesto louco de contorcer-se todo para fazer a mira. Mauro compreendeu finalmente que não fazia nenhum sentido ao homem já maduro ficar superestimando um estúpido qualquer. Aquele peste o escolhera como vítima porque se mostrara receptivo aos ataques, fornecera-lhe munição ao demonstrar medo. Seu estado de ânimo, depois de movimentadíssimo fim de semana, não era dos melhores. Pela manhã Mauro andara exagerando nos drinques e só desejava agora chegar a casa, meter-se numa ducha, relaxar.

Preso a tais reflexões, Mauro nem viu a metade do menino novamente fora da janela. Desta vez ele não esboçava o sorriso de deboche. Tinha o olhar

distante, se bem permanecesse com o rifle apontado na sua direção; dedo trêmulo sobre o gatilho – impulsos repetidos em detalhes como nas tomadas cinematográficas. Os dois carros estão praticamente encostados um no outro. A senhora que conduz o garoto reduziu a marcha, o sujeito do ônibus na retaguarda acelerou mais. Mauro está imprensado num sanduíche, mas compreende como favorável essa proximidade dos três veículos, vez que dificultará a mira do pequeno patife. Momentaneamente nenhum fica vendo a cara do outro e, se o tiro vier, será de cima para baixo, aleatório, no máximo lhe perfurando o teto.

Mauro escuta de novo o grito histérico da mulher, ecoando metálico sobre as rochas, porém sem deduzir ao certo o que isso significaria. Talvez repreendesse mesmo o safado pela enésima vez – cogita. Vê o carro dela se desviar da faixa e só então descobre o pirralho montado na janela do lado oposto ao seu; arma como sempre oscilante em suas mãos. Intuitivo, Mauro puxa o volante à esquerda e chega a tocar de leve no pára-choque do outro jipe; gira em seguida à direita, aproximando-se perigosamente do abismo; breca de leve temendo uma derrapagem e reassume por fim o controle da direção.

O menino, ao se concentrar na mira, fechando um olho e entreabrindo a boca, dá a impressão de que o disparo é uma simples questão de tempo. O suor frio começa a escorrer pela testa de Mauro, deslizar ácido até os olhos, turvando-lhe as lentes. Não pode perder a calma – Mauro repete, baixinho, ao mesmo tempo em que retira o lenço do bolso da calça, os óculos da face e vê seu carro fazer ligeiro ziguezague. Mauro aciona o freio de emergência no puro reflexo, enxerga tudo mais embaçado à sua volta; lentes sobre o colo, mão que as enxuga rápido na ponta da camisa e as recoloca no rosto. Alívio. O patifezinho resolveu abaixar o rifle. Olha com seu riso velhaco para Mauro e logo retorna ao assento, aparentemente tranqüilo, a cabeça estendida no encosto.

O maluco desistiu finalmente daquela brincadeira sórdida – Mauro imagina. Só imagina, porque o menino, feito alguma coisa o espetasse por baixo, salta do banco, se enfia mais uma vez pela janela, formando a diagonal imaginária entre sua própria cabeça e a de Mauro. Os dois carros conservam distância bem razoável entre si e o fluxo de veículos em sentido contrário diminuiu sensivelmente, ocasião propícia a uma ultrapassagem segura. Restam ainda dez minutos para se completar a descida e Mauro não pode desperdiçar essa oportunidade. Manobra à esquerda, acelera e... um trator surge de repente pela via secundária, obrigando-o a retomar sua mão. Soqueia raivoso o volante, aguarda a passagem da máquina, tenta novamente e... dessa vez é um cavalo em trote, desgarrado, invadindo o espaço. Mauro sente ímpetos de passar por cima, depois retrocede e pensa numa terceira tentativa... já impossível: a curva mais perigosa da serra se projeta diante de seu nariz.

Mauro vai encontrar o salafriozinho na outra janela. Surpreende-se ao ver que ele não mais empunha o rifle; ali permanece indiferente à paisagem. Parece saciado com o estrago já feito ou talvez nem se atenha à gravidade da sua cretinice. Pouco importa. O menino olha para o vazio, atira latinhas de refrigerante na pista – o riso sem vergonha sempre vivo no risquinho de boca. Afinal ele é apenas uma criança. Até brinca de fazer careta ao perceber-se alvo do olhar fulminante de Mauro. Depois fecha a cara, ajoelha-se no banco e fica olhando para lugar nenhum.

No vale à direita, um rio de brinquedo – que aparece e se esconde – agora toma formas reais e serpenteia manso por entre as palmeiras, em busca do mar. A tarde já se esvai em sombras para receber a lua. Um pássaro vagabundo, em vôo lerdo, interrompe seu grito e se recolhe em alguma gruta das tantas ali existentes, enquanto o ventinho gostoso invade a janela do carro de Mauro, transmitindo-lhe toda a paz das montanhas. Estão deixando para trás o trecho mais crítico da estrada. Último estirão.

Agora é a sua vez – Mauro irrompe em excitado riso, que logo se transforma num gargalhar epilético. Ele tosse, tosse, engole saliva, se engasga, muda de cor, agarra-se ao volante, recupera-se. Uma lágrima extensa e salgada lhe escorre pelo rosto. Para Mauro a brincadeira ainda não começou. Dará bela lição àquele miserável. Lavará o peito. Os dois carros estão relativamente próximos um ao outro e desenvolvem velocidade uniforme. As luzes da cidade, lá longe, já começam a pipocar aqui e ali. Em menos de cinco minutos, a bifurcação, e Mauro dobrará à direita. O jipão do garoto, com certeza, tomará outro rumo. Mauro sabe que no mesmo sentido os dois não seguirão mais.

Mauro está ofegante quando retira o revólver do porta-luvas. A palidez na face cedeu lugar a uma tonalidade rubra, umedecida pelo suor que brota novamente de sua testa larga. Preparará uma boa no safado. Apontará a arma na sua direção, abrirá cara de ódio – quem sabe, ódio real – e efetuará o disparo. Para cima, lógico. Quer apenas mostrar ao imbecilzinho quem é o dono da situação. Se fosse possível o esganaria depois. O menino topa na hora a retomada da brincadeira: enfia-se rapidamente pela janela, abraçado ao rifle, e na sua carinha débil e cavilosa se desenha uma fúria que também pode ser apenas imaginária. Como num filme de mocinho e bandido, aliás; porque para o garoto, matar ou morrer, agora é uma simples questão de honra. Quem for mais rápido...

Um único tiro se faz ouvir, forte, ressoando nas rochas que vão ficando para trás. Estilhaços de vidro, a freada brusca e o sol chamuscado de sangue, lá distante...

HOTEL ANDALUZ



CAOS PORTÁTIL36

Ontem, quase tropeçava com ela na Leiteira Americana. Sempre que a vejo, lembro das seguidas laricas e conseqüentes bolinhos de bacalhau que comíamos ali enquanto bebíamos cerveja, lembro da gente ainda com 19, 20 anos, dela séria, dizendo que precisava ir para um geriatra, que se sentia cansada, velha mesmo, enquanto eu ria, agora eu sei, leviano. Lembro-me do dia que prestei atenção nela, pela primeira vez, ainda sem rosto, dormindo, acampada junto à mesa de inscrição de um congresso de estudantes de geografia em Cananéia. Apenas dois dias depois nos encontramos, ela agora com rosto, como desconhecidos na Ilha do Cardoso - eu mexendo com a areia, não, não sou escultor, começamos por aí a conversa. Desde aquele dia não a soltei, arranjei-lhe hospedagem na casa de uma amiga em São Paulo, ela desistiu de viajar de volta para Manaus e foi ficando. Fizemos camisetas, móveis, marionetes, vendemos na Liberdade, no Bexiga à noite, fizemos planos e logo que pude a levei para o Hotel Andaluz. Qualquer outra pessoa acharia desconsideração ser levada para um lugar como aquele, com mofo e escadas logo à porta, cinco andares estreitos, pisos de madeiras manchadas, velharias como móveis: ela, não: vestia-se, deixava-se penetrar pelo lugar: a luz, intrometendo-se pela janela com duas amplas vidraças verticais e peitoril à altura dos quadris, sempre caía-lhe bem no corpo nu. Silenciosa, acompanhada pela paisagem projetada, a sinuosidade da cintura, dos ombros, das pernas, limitava as fronteiras da cidade, continha a sacada de ferro batido, as fundações de



Julio Lira

(Fortaleza-CE, 1959)

Educador e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de Fortaleza. Prêmio Domingos Olímpio de Literatura (2002), e Prêmio Literário Cidade de Fortaleza (2003). Publicou *A História de Maria Rapunzel* (infantil, 2002) e *Graciano* (2003).

ferro do viaduto sta. Efigênia, a cabeceira do vale do Anhagabaú, as pessoas nos bancos de praça e os transeuntes, notas soltas da cidade. Ali, naquele quarto de hotel noturno, estávamos a salvo de qualquer tempo ou incidente. Daí a dificuldade em entender a morte eletrocutada no letreiro de néon, a ausência de bilhete ou fala. Quando me dei conta ela já estava distante e não havia mais o que fazer. Ainda hoje, volto, ou melhor, minhas pernas, o meu corpo volta aos lugares em que habitamos. Frequentemente a vejo, incólume e distante como uma desconhecida e penso no que poderia ter sido feito, no que deveríamos ter bebido e comido, para onde poderíamos ter ido, ou ter feito de forma que fizesse-nos mais... mais felizes... não... mais... que pudéssemos ter ficado juntos por mais tempo. Porém, se o caminho houvesse sido esse, uma coisa se repetiria quantas e quantas vezes nos dessem a chance: voltaríamos àquele quarto, fosse qual fosse a influência do hotel Andaluz naquele desfecho sinistro.

Na noite que encontrei na rua o ajuntamento de curiosos, os carros dos paramédicos, dos bombeiros e da polícia estacionados dentro da praça em frente ao hotel, acompanhei a contragosto os olhares anônimos que, firmes, subiam como raios de uma estrutura instantânea, até um corpo desfalecido, no letreiro de néon, que, altivo, ainda alternou o vermelho e azul um bom par de horas antes da equipe de resgate fechar a chave de energia.

Difícil, muito difícil explicar para alguém o que se passava em mim. A dor estava presente, e não quero aqui me justificar, ou quero... já não sei. Mas o real da coisa é que a dor estava presente: desde a esquina, quando vislumbrei o menor sinal de tumulto, tive a certeza que era uma desgraça nossa, que aquilo acontecia entre nós. Mas, é aí onde me sinto anormal. Por isso resolvi vir aqui.

Desde o primeiro momento eu tive certeza, que saberia agüentar a perda dela, mesmo que a custo de seqüelas. Entretanto, e isso começava a ganhar corpo em mim de maneira vaga, eu seria incapaz de viver sem aquele quarto. Apressei o passo temendo um incêndio ou um ataque de fúria da Mariane antes de se precipitar no néon. Quando entrei no quarto, o corpo dela já estava do lado de dentro, ao pé da sacada, dentro do campo de visão da posição que ela costumava ficar na cama, nua, sentada, com as pernas no piso de madeira, olhando em direção à janela-porta. Meu olhar pousou no relógio ainda funcionando, deslizou para o robe e derivou para a rarefeita mobília. Tudo intacto, nem mesmo algum objeto pessoal à vista, como se ela nunca houvesse circulado naquele ambiente. O que de uma certa forma, tranqüilizou-me, ou melhor, trouxe-me um fio de felicidade que pensava perdido: mesmo com meia dúzia de pessoas dentro do apartamento e mais de uma dúzia no corredor, eu sabia que seria possível voltar para aquele quarto e ser outra vez silenciosamente

parte dele. E de fato, voltei, várias vezes por semana, sozinho ou acompanhado, impressionado pela perda, voltei e pude, no meio da cidade de treze milhões de habitantes, impregnar-me com um espírito maior que o meu, desorientar o corpo e as sensações, fazendo daquelas noites viagens do espírito, onde um quarto era a cidade, era o silêncio, o melhor que havia em vários mundos. O que o senhor acha disso? Não concordo com esse silêncio.

O que me leva - mesmo sem eu querer - para uma decorrência absurda deste pensamento. O sentimento que eu tinha por - digamos assim - aquela configuração do universo, por aquela personalidade arquitetônica - digo arquitetônica por não me ocorrer um melhor termo - era - e aqui está talvez o delírio - retribuído: aquele quarto estava consciente e aos poucos foi retribuindo ao meu afeto: as tábuas de madeira não mais rangiam desgostosas, a água na pia de ágata era límpida, a porta para a sacada abriam-se sem oposição, o odor de mofo desapareceu do quarto e tudo era cada dia mais habitável. Contribuição minha mesmo, apenas fixar uma marinha aquarelada, dentro do banheiro.

Quando Mariane chegou, tive a impressão de um silêncio seco. Mas, aos poucos, os dois foram se conhecendo e ficando cada vez mais próximos. Alguns ruídos cordiais como bater das asas do pombo, ou o zumbido vital da corrente elétrica passando pelas letras E e L, ou ainda o barulhinho do colchão respondendo ao nosso movimento dávamos a certeza da companhia. Hoje, penso, que estávamos vivendo um triângulo. E eu não saberia dizer que estava amando mais a quem. Sou maluco, não! O senhor está dormindo?

E fomos felizes, tristes e felizes ao mesmo tempo, por que a nossa felicidade era assim, melancólica, serena. O que me leva, a última e inevitável pergunta. Afinal, o que deu errado? Por que Mariane suicidou-se? Quanto a mim, não vou saber responder. Não vou saber dizer nem mesmo se esta pergunta está equivocada. Quando vejo seu espectro, como a vi hoje, tenho menos certeza ainda. Enquanto isso, continuo no quarto: ocasionalmente levo uma mulher, durmo, olho a cidade, as pessoas movimentando-se no vale, desaparecendo na boca do metrô, as salas vazias e iluminadas dos prédios comerciais, o reflexo das luzes na noite nublada, deito, olho para o teto, sento à mesa - as paredes sempre suaves - e escrevo. Ou escrevia: Parei: as pequenas intuições que volta e meia surgem no manuscrito, nas manchas do verniz, cada vez mais freqüentes. Para que pressa! Que importância podem ter tais coisas!

Talvez por que isso eu tenha vindo fazer análise: Para não escrever. Estou feliz, talvez eu tenha vindo para dizer que estou feliz. E assustado.



DOIS MORROS

CAOS PORTÁTIL 39

Minha mão vacilou quando o seio dela surgiu, meio à mostra... Não, não, melhor começar pelo morro, o outro. Vamos lá. No início era o simples, o natural. Não era chique nem tinha futuro. No alto do morro só umas casinhas pequenas e um espaço de grama e areia, uns arbustos, um pé de pau acolá. Era 1984 e eu garoto fuçador de recantos descobria o mirante natural do Morro Santa Terezinha e subia lá pra tocar violão com os amigos, luarada, fogueirinha de papel, namorar...

A gente sentava na grama, o litrão de rum no centro da roda. Os namorados iam pro carro, mais afastado, economizar o motel. Quem se apertava fazia xixi na ribanceira. Ir aonde ninguém havia ido, era excitante. Sem medo de assalto, sem pensar no tempo, a vida era agora.

Um dia, agora sim, um dia os seios dela surgiram. Aonde você tá me levando!, Isabella perguntou provocante. O fusca véi subia o morro, se peidando todo, serpenteando pelas ruazinhas, as casinhas simples, o povo na calçada, o charme suburbano. Pro céu, minha linda... Não, falei isso não, só tive vontade. Mas na última curva pedi: fecha o olho. Quando ela abriu, era o postal noturno da cidade, em cima o céu piscante de estrelas e lá embaixo os prédios, as luzes, o néon dos letreiros coloridos. Ela boba: como você descobriu isso? Eu mais bobo: e você, como eu descobri você?

Aí a tiazinha botou umas cervejas em sua geladeira, uns refrigerantes. A gente ia lá na casinha dela e batia palma. Ela levantava do sofá onde via TV e,



Ricardo Kelmer
(Fortaleza-CE, 1964)

Cursou Letras e Comunicação Social. É roteirista (TV, cinema e histórias em quadrinhos), compositor e palestrante. Publicou 9 obras em estilos diversos - idéias espiritualistas, ensaios filosóficos, crônicas e romance - e, ainda, os contos de *Guia Prático de sobrevivência para o final dos tempos* (contos, 1997); e *Baseado nisso – viagem pelo universo folclórico da maconha* (contos, 1993). Escreve e divulga seu trabalho no site www.ricardokelmer.net. Atualmente mora na cidade de São Paulo.

sonolenta, trazia uma cervo e uns copinhos. Quanto é, tia? É só tanto. Tem mais gelada não? Tem não, meu fi, a geladeira tá desmantelada. A gente pagava e ela dizia: pode deixar os cascos lá que depois eu pego. E aconselhava as meninas: quando vier de novo, fia, traz um agasalho, mode o vento frio.

Um dia a cerveja veio com isopor. Estava melhorando. Outra noite cheguei lá e tomei um susto: a tia espalhou umas mesinhas, umas cadeiras de reclinar. Mode as menina não sujar o vestido, né, meu fi? Aí o vizinho começou a vender cerveja também. Já dava pra escolher se ficava na tia ou no tio, que chique. Depois já dava pra tomar caipirinha, beliscar um peixinho frito com tomate e cebola. O movimento aumentou e a filharada da tia veio ajudar. O mirante lotava, às vezes nem lugar pra sentar, um imenso bar ao ar livre, gente interessante, sempre aparecia um violão, um Pink Floyd no toca-fita... Tudo ainda simples e delicioso. O tempo ainda era agora.

Perdida entre beijos incontidos e abraços descontrolados, minha mão percorreu as curvas do corpo dela, serpenteando, errando aqui, acertando mais na frente. Quando o seio dela finalmente surgiu, meio à mostra na blusa entreaberta, minha mão vacilou. Ela então disse: fecha os olhos. Quando abri, a paisagem nua de seus seios reluzia à minha frente, dois morros a conquistar. E lá fui eu, garoto fuçador de recantos, legítimo ocupador do morro.

Nos anos 90 os moradores venderam suas casas pros empresários, tudo de olho no bolo que crescia. Todo mês abria bar, pastelaria, restaurante. Virou chique subir o morro. Gente bacana bem vestida, turista tirando foto. Música ao vivo, restaurante limpinho, artesanato, peixe na telha. O progresso invadiu o morro com alvará. Mas... havia algo estranho. Pescadores e rendeiras agora eram comerciantes. Não havia lugar pra tanto automóvel. O barulho incomodava os moradores. Menina nova alugava o corpo magrinho nas quebradas da noite. Garoto trazia cocaína pro motorista. E a tal da urbanização asfaltou as ruazinhas e jogou uma praça feia por cima da grama.

Reivindicando seu pedaço do bolo, a violência também subiu o morro, claro. Roubos, assaltos, mortes. Os empresários resistiram, se organizaram, clamaram por segurança. Mas ela, mouca, não escutou. E assim a gente bacana desceu o morro e não voltou mais. O bolo murchou. E o futuro se foi, deixando o gosto bom do que devia ter ficado só no agora.

O morro não é mais chique, Isabella, mas ainda está lá. E eu queria que você soubesse que aquela noite também, continua no mesmo lugar, sem amanhecer, seus seios em minhas mãos, dois morros conquistados, eu turista já pensando em voltar. Tudo está lá ainda, meu nome em sua boca, eu errando e acertando as ruas de seu corpo, indo aonde ninguém fora. Nossa história ainda se conta lá em cima, na grama, suburbana, pegando cerveja na tiazinha. Nossa história, juvenil, desmantelada e urgente, mode a hora. Com tomate e cebola. No mirante perfeito do nós dois agora.

TÍTULO PROVISÓRIO

E era a morte, a bela embalada à sorte

Sandro Dalpino

esperando...

Por não conseguir desvendar a razão ou a escolha ou mesmo aquilo que provocava o barulho de vento em folhas de coqueiros, desistiu de esperar qualquer aparição que a completasse, jogo de encaixes, indefinida. E deu-se o

o que não é...

Um clic providenciou Here comes the sun 4:59. Ninguém imaginaria um encontro entre John Pizzarelli e aqueles rapazes ingleses. O silêncio desfrutou-se de vazios. Acordes contrabaixos, pianolados.

Os coqueiros sequer existiam ali naquele ermo, rodeando a poltrona no meio do deserto. O vento exigia as folhas. A bela entre as folhas. Mas ali, havia apenas o delírio da escritora-fantasma.

enigma...

A órfã amou aquela solidão. Na quentura amarelada das areias, o gin. Esdrúxula cena. A página

no final.

Mas o gole foi mais letal que todas as incertezas.

Jorge Pieiro

(Limoeiro do Norte-CE, 1961)

Mestre em Literatura Brasileira, escritor e produtor cultural. Tem textos em prosa e em poesia publicados em antologias, revistas e suplementos literários do Brasil e do exterior. É cronista no jornal *O Povo*. Publicou, entre outros, *Fragmentos de Panaplo* (1989), *Caos Portátil* (1990) e *Bolha de Osso* (2007).

MACACA

CAOS PORTÁTIL 42

Aquela corrente no pé. Já tentara roê-la mais de uma vez, mais de duas. De que adiantava? A janela aberta, a macaca amarrada. Para a macaca pensar, coçavam a perna e a cabeça. Ninguém nunca foi macaca. Ninguém sabe o que dá vontade, ficar balançando, isso não ajuda. Por mim, fechava-se de vez a janela, colocava uma trava, uns pregos, uma escora. Deixava a macaca do lado de fora, do lado de dentro. Macaca se acostuma com tudo.

Jogam a comida à distância e os meninos a vêem comendo. Segura com os dedinhos, parece que vai fazer um chapéu de sisal, de vime, rolando o pedaço de tomate, a macaca come o chapéu e a cestinha. Jogam um caju, uma banana, uma cana, os dedinhos mexem, vai fazer um doce, a macaca come o pote. Macaca bebe água? Bebe. Jogam água na macaca, ela se esforça, abre os dentes, lambe a boca, rói a corrente. E assim vai passando dia e noite. Tem noite que a macaca bota uns olhos para o mato, para o quintal do vizinho, para o bloco F. Espera que al-



Rodrigo Marques
(Fortaleza-CE, 1980)

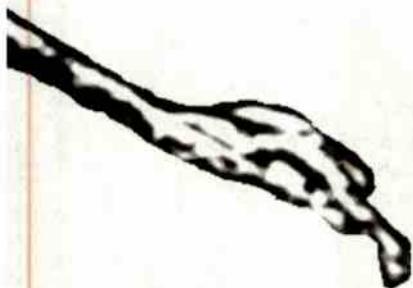
Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará.
Poeta e ficcionista. Autor de *Fazendinha* (infantil, 2005), vencedor do II Edital de Literatura da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.



guém denuncie os abusos, que alguém telefone, pedia só que afrouxassem um pouco a corrente, deixassem afinal aquela corrente que já era um rabo, um piercing, algo bom e barato. De longe, alguém diz que macaca é bicho inteligente e a macaca enche a parede com cálculos matemáticos, figuras geométricas, fórmulas químicas, põe uns olhares de filósofo, indaga. O povo diz que gente é macaca, macaca são eles, ninguém nunca foi macaca.

Agora, deixam-na pular para a cozinha. Lava os pratos. Macaca é bicho inteligente. Mexe com os dedinhos no microondas, pensam até em aumentar-lhe a corrente para ela alcançar a máquina de lavar. Com muito cuidado, elogiam a macaca. Coçam a perna e a cabeça. À noite, ela não tem sossego, vão mexer no rabo, escovam seus pêlos, jogam água, ela se esforça, abre os dentes, lambe a boca. Macaca se parece com gente. Mas ninguém nunca foi macaca. Um dia, encontraram um vaso derramado no chão, aos pés dela. Interrogaram. Penduraram-na pela corrente e bateram no corpinho. Outra noite, ela chegou bêbada, tirou as calças, não viu o tapete, topou. De dia, um olho roxo fazia bonito. Bonito mesmo é vê-la dançando, as pernas abertas, fazendo física.

Por mim, fechava-se a janela. Botava a macaca para dentro. Lugar de macaca. Ninguém nunca foi. Ninguém nunca roeu corrente. O povo diz que gente é macaca, macaca são eles, ninguém nunca foi macaca.



CAMBALHOTAS DO RISO

CAOS PORTÁTIL 44

AS RUAS CHEIRAVAM À FLOR DE TRISTEZA. NOS BECOS E VIELAS, O SUMO QUENTE DA SAUDADE DOÍDA ESCORRIA PELAS SARJETAS DE PEDRA-SABÃO. NAS FACHADAS DO CASARIO, A HERA DA MELANCOLIA JÁ ESCONDERA OS BRASÕES DOS CLÁS DE OUTRORA. DE QUANDO EM QUANDO, ALGUNS VULTOS CABISBAIXOS ARRASTAVAM SEUS PÉS NO RUMO DA MATRIZ. LÁ, EM RÉQUIEM TRISTONHO, FUNDAS BOCAS MASTIGAVAM MEIA DÚZIA DE PADRES-NOSSOS E AVE-MARIAS. NO MERCADO PÚBLICO, OS VENDEDORES NÃO MAIS PROPAGAVAM OS MILAGRES DE SEUS



Clauder Arcanjo

(Santana do Acaraú-CE, 1963)

Engenheiro civil, funcionário da PETROBRAS, e professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e da Universidade Potiguar. Cronista do jornal *Gazeta do Oeste* (Mossoró-RN) e resenhista, assinando como Carlos Meireles, na revista *Papangu* (RN). Tem inéditos livros de contos, de poesias e de crônicas.

PRODUTOS, TÃO-SOMENTE ABRIAM AS PORTAS, E OS INTERESSADOS, TAIS QUAIS FANTASMAS, LEVAVAM O NECESSÁRIO, ABANDONANDO, POR SOBRE O BALCÃO, VELHAS

PATACAS COMO PAGA.

NUMA TARDE QUIETA, ONDE ATÉ OS GALOS RECOLHERAM OS SEUS CANTOS, UMA

FUBICA

SURTIU À ENTRADA DO VILAREJO. DELA SALTOU UM JOVEM DE ROUPA COLORIDA,

COM

UM BONÉ ESQUISITO, ARRASTANDO UM BAÚ DE GUARDADOS.

NOS PASSOS, A INQUIETUDE DA GRAÇA. NAS MÃOS, O VÔO DA TROÇA. MAL CHEGOU

À

PRAÇA, ELE ABRIU OS LÁBIOS EM FLORADA, A IMPROVISAR UM PALCO SOBRE UM LENÇOL CARCOMIDO PELOS ANOS. FEITO ISTO, CONVOCOU A TODOS PARA O ESPETÁCULO CAMBALHOTAS DO RISO.

AS CRIANÇAS SE APROXIMARAM, OS JOVENS FICARAM A VER DE PERTO, E OS VELHOS

PARARAM, POR ALGUNS INSTANTES, DE MASCAR SUAS HERANÇAS DE DESVENTURAS.

MEIA HORA DEPOIS, OS SINOS REPICARAM, O PASSAREDO, EM FESTA, CORTOU O FIRMAMENTO, E A NOITE, NOIVA RISONHA, SAUDOU AQUELE MENSAGEIRO DO ÂNGELUS.

Dê-me outra

CAOS PORTÁTIL 46

pelada na rua pé despido contramão e plenárias dedo de deus
capim outro batente da calçada (não é bem um tapete) física
comunhão dos que vêm de outras ruas $\frac{3}{4}$ dos que são desta $\frac{3}{4}$
o dribble seco dilúvio de astúcias ... poeira ... alguém discute
xinga até que *ela* se esconda tímida debaixo de um carro:
nó para o cronômetro arrastam sandálias e tamancos eles
velhos conhecidos da casa da frente gente calada a senhora
antiga e seu cachimbo preto sempre há quem não faça nada
um rádio naufragado no colo am *aque*las notícias conversas altas
o fino assovio dispara três na linha salgado suor de tarde nobre
tijolo $\frac{3}{4}$ dois palmos e meio $\frac{3}{4}$ outro tijolo gol de sinuca
que não estufa (mas fura) o véu sem rede a paciência da rua

Eli Castro

(Fortaleza-CE, 1979)

É professor de literatura e língua espanhola. O autor vem publicando, ao poucos, seus escritos em revistas eletrônicas e impressas. É inédito em livro.

CONCERTO PARA ARRANHA-CÉUS

Lição que se repete a cada dia, para em cada um deles tornar-se irreconhecível: a cidade se converte na selva monolítica e gelada: matéria e circunstância para os psicanalistas. Uma geografia sinistra nesse ambiente retórico de fumaça e decadência. Fuliginosa é a manhã que, em vão, aguardam esses seres ressabiados ouvindo som digital em seus troncos sobre rodas, de onde vêm menores esgueirando-se entre os automóveis fazendo o pregão de bugigangas, frutas e balas. Mais que estuprar os tímpanos, arsenais de vozes e ruídos cambiantes se sucedem com uma solenidade impreviada. A fera enjaulada na solidão de muitos ninguém. Encapsulados em suas estações de trabalho, respondendo e-mails e aos chamados sucessivos nos celulares, muitos deliram na miséria recalcitrante de cada dia. Ruas,

avenidas, becos e vielas não escapam à aquarela insólita: artérias de cinza e enxofre, canais divergentes onde fluem rios de vivos-mortos que se entrechocam e não se olham. Orquestra de motores. A pressa febril de tudo urgenciando as coisas. A lógica veloz, tumultuária e vulcânica, de todas as necessidades impedindo detectar a mínima parcela de consciência nos movimentos e de realidade nos sentimentos. Os edifícios formando gente na monotonia das tarefas miúdas e enfadonhas. Essa longa convulsão de anonimatos e repetições, meus olhos em seu verde espanto, pulsações de auroras que não vingam, turismo de uru-

Meu tempo é minha contradição.

Antônio Torres

"Um cão uivando para a lua"

para Claudio Sesín

CAOS PORTÁTIL 47



Ronaldo Cagiano

(Cataguases-MG, 1961)

Vive em Brasília desde 1979, onde se formou em Direito. Colabora em diversos jornais e revistas, publicando artigos e resenhas. Participa de diversas antologias nacionais e estrangeiras. É autor de livros de poesia, ensaio, além dos de contos *Dezembro indigesto* (Prêmio Bolsa Brasília de Produção Literária 2001) e *Concerto para arranha-céus* (2004). Organizou diversas coletâneas, como *Poetas mineiros em Brasília* (2001) e *Antologia do conto brasiliense* (2004).

bus sobre as lixeiras, *fast foods* cheios de pessoas vazias, gente como feras se nutrindo do inservível, escafandristas da solidão mergulhando diuturnamente na cidade abissal, bancários bovinizados, o câncer comendo silencioso o homem que alimenta os pombos na praça em frente, um cemitério de sons confusos, os trens do metrô: serpente sempre igual sem sair dos trilhos impondo aos usuários o tédio que passa veloz como uma película sem fim de nossas vidas apoucadas. Poluição de semáforos disciplinando o mar convulsivo de animais metálicos e assembléia de pedintes sobre o asfalto latejante. No abril em que me espelho, o amor parece sair de moda, pois inusitado é o casal entre beijos na faixa de pedestres, a metrópole regurgita seus fantasmas, labareda & carnificina nos rostos pressurosos dos meus pares. Um homem limpa a boca na camisa e tenho a sensação de ter chegado a um final de festa. Somos feras intangíveis nessa coreografia de degredos, na imodéstia do perigo e da morte. Nas igrejas, transformadas em mercados de uma fé delirante e uma espiritualidade chantagista, com seus padres *super stars* e pastores eletrônicos que aleluam pelas tevês e praças públicas com uma retórica melodramática, muitas vezes escamoteando suas vidas dicotômicas (divididas entre a ereção e a oração), nesses verdadeiros *shopping centers* da salvação onde se impõe a teologia da prosperidade e traficam a felicidade a crédito, vejo a angústia dos que entram desorientados e saem sem saber para onde vão. As virilhas engomadas por espermas clandestinos dos que vivem o rescaldo de pantagruélica melancolia ensinam mais que todas as ideologias e religiões. No mundo político e econômico, entre o canibalismo de uns e o terrorismo de outros, o neoliberalismo e seus fetiches (a canalhice e seus fantoches) vão construindo seus túmulos num país sem memória, cemitério dos vivos. Não sobra nada da guerra diária. O que quero ressuscitar nisso tudo! Um faixa de gaza urbana com sua artilharia torpedeando ouvidos e emitindo certidões de óbito. Caminhos & descaminhos bifurcam-se – centopéia de mil pés – que Dédalo projetou essas entranhas! Procuo a saída, antítese de tudo isso e me vejo só. Como inventariar o caos nesse difuso concerto para arranha-céus?

MONÓLOGO DA COISA

Eu queria ter o direito de contar, sem que me achassem estranha ou intrometida, sobre o desrespeito que os humanos têm com o que apelidam de "coisa". Estou meio revoltada, mas não quero complicar a questão, menos ainda assustar quem vai me ler.

Hoje, pela manhã, tudo passou dos limites. Não me iludo, sei que sou apenas uma mesa, reconheço minha condição estática e de mero uso aos seres pensantes, mas a discussão que venho de escutar entre duas criaturas debruçadas sobre mim deixou-me apavorada.

Muita estranheza, bobeira e conversas desventradas já ouvi de permeio a ruídos caseiros de pratos, talheres e copos. Tudo superficial, por vezes espontâneo como um espirro, sons aleatórios, nada fecundo, menos ainda brutal. Uma realidade tão normal e pacata que em dia de ócio, perguntei-me: eu existo! Minha duração tem mistério! Mas a dona da casa logo veio recomendar para não se esquecerem de varrer muito bem debaixo da mesa. Então, mudei a pergunta: para que existo! A intuição recomendou-me desistir da resposta. No universo das coisas, da imobilidade apenas se aguarda a mudez. Só o que resiste em silêncio escapa à destruição, à morte.



Beatriz Alcântara
(Fortaleza-CE)

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará e Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta de Língua e Literatura Francesas da Universidade Estadual do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras, dentre outras. Pertence ao grupo literário *Espiral*. Participa de um grande número de antologias literárias brasileiras e estrangeiras, e detém vários prêmios literários. Publicou livros de poesias, teatro, ensaios e os de contos *O Outro Lado do Olhar* — em parceria (1988) e *Daquém e Dalém-Mar* (1993).

Mas, como eu ia dizendo, hoje, depois de tanto tempo exilada na imobilidade, senti em mim circular nova seiva. Um homem e uma mulher sentaram-se à minha volta a conversar sobre seus escritos, a recitar fragmentos de poemas e chegaram à leitura das pulsações de Clarice Lispector. Veio o disparate a que eles apelidaram de "a grande interrogação metafísica".

Ela argumentou: de onde vem o começo, o movimento inicial do universo, pois que do nada não poderia provir senão o nada? Concordando, ele seguiu, que se só dos agentes transmutadores se tendo conhecimento, como poderia surgir a "coisa"? Falaram de uns tais de *quid* e de *quod*, mas eu logo desconfeei que não eram palavras da existência comum, era, por certo, uma invenção como a que Deus fez em Babel, de emenda para os antigos não se entenderem.

Bom, leitor, a conversa complicou e, se não fizer muita atenção, vou confundir tudo sem conseguir contar o acontecido. O homem tomou a fala, disse que a "coisa" era intransponível, e que nada de real alguém poderia dizer a seu respeito a não ser de sua essência e substância, verdades específicas. Argumentou que quando se pensa, utiliza-se a lógica universal, verdades gerais, leis imutáveis como a combinação de hidrogênio e oxigênio na água.

A mulher reagiu em silêncio levantando-se e foi buscar cafezinho para dois. Esperei enfadada com o vazio instalado na sala e que parecia solto, sem propósito. Pertencço ao universo de ordem prática, e a conversa estava me conduzindo a um abismo. Cuidado! Eu precisava de uma folga no tempo. A hora de jantar já se aproximava e logo viriam pôr a mesa. Mas que nada! Eles nem se apercebiam do entardecer e menos ainda do meu incômodo.

Súbito, ela desatou a falar, dizia mais, cada vez mais e, ficando aturdi-da, eu quase perdi a meada do que foi dito, mas, afinal, dei-lhe razão: ela confirmava que todos, enquanto pensam, utilizam uma lógica geral ou universal e pela essência jamais se extrapolaria a forma; a ruptura dessa regra precipitaria o caos. Ele balançou a cabeça em aprovação, acrescentou a água, de novo como exemplo e apoio ao percurso que os dois fizeram na tarde.

O homem levantou-se, puxou para cima o cós das calças, ligou o interruptor da luz, ensaiou uma breve carreirinha para esmagar uma barata ruiva e sentou dizendo que se a palavra fosse a sombra da "coisa", ela poderia refletir a não-lógica. A palavra, como invenção humana, é passível de ser irreal, incerta e frágil.

Não entendi, pelo que eu tinha escutado até aquele momento da minha existência, tudo parecia um delírio dos dois, um mundo de palavras

sem nexos que logo iria acabar, mas a mulher atalhou: já que a palavra é a sombra da "coisa", então o mistério estaria no encontro meu com ela! A sombra é imaterial, impossível dissolvê-la. Indissolúvel é também a relação palavra-pensamento, um sopro de ar que resvalou da mente até aos lábios para que a comunicação entre os semelhantes fosse possível.

A figura masculina estirou os braços para o alto, como num início de espreguiçar, mas com jeito de fazer graça. Fingiu um suspiro. Então, a palavra era uma ponte que possibilitava a travessia, a comunicação entre os seres pensantes!

A brincadeirinha não agradou. A mulher disse que queria, pelo menos, aproximar-se do mistério que Clarice Lispector descobrira nas coisas. Ele tentou contornar introduzindo a palavra magia, mas ela não arredava pé da palavra mistério. Discutiram e discutiram. O clima revezou-se entre cumplicidade e repulsa. A muito custo vieram a concordar em abolir a palavra magia e inserirem uma dúvida. O mistério das coisas não estaria no poder da intuição?

Outra pausa. Os dois tomaram, com vagar, novo cafezinho, agora acompanhado de biscoitinhos de goma.

Ele levantou-se, arrumou os papéis na pasta, passou o elástico e parecia já ir-se embora quando perguntou de supetão: que era mesmo intuição feminina? Por que Clarice escreveu que lua não era SVEGLIA, assim como Pelé, mas admitiu como mistério, antibiótico, jogo de futebol, briga, ovo, sal, desespero e uísque, entre outras coisas? Quem vai entender mulher?

Uma briga, grande! Pasmem, para quem sobrou!

A mulher enfureceu-se, deu um murro em mim, depois dois pontapés, um novo murro fechado e aos gritos comparou minha rigidez à perspicaz intuição masculina.

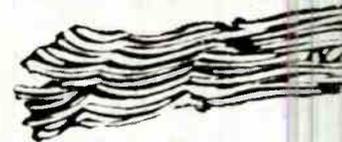
Será que eu merecia a condição única de coisa inanimada! A palavra mesa será só um arbítrio? Pertença ao vocábulo ou não sou nada mais além de que um nome!

Eu era tão feliz nesta existência de tédio que agora, reconheço, era de paz. A dualidade assusta-me. Que dúvida! Como vai ser meu futuro, vou converter-me de novo em coisa! Restou-me apenas uma certeza: só a morte apagará tantas indagações. A morte será o itinerário para o nada que me justificará.

Morrer é SVEGLIA. Clarice Lispector inventou e eu confirmo, mesmo sem entender ao certo, mas quem vai entrar em discórdia depois de tudo isso acontecido?

O homem aquietou-se. Estava perplexo. Chovia e ele não sabia o que fazer. Era noite, não pela madrugada, mas escuro fazia. Não sabia o que inventar. Fugia e parava. A perplexidade por sua atitude estancara-lhe o passo. Agora, parado em uma dobra de porta, ouvia o pulsar revoltado de seu coração já conhecido por mãos médicas. Ouvia também a chuva e respirou o ar úmido. A lâmpada do poste estava aureolada, como se um arco-íris a tivesse composto. A sombra do seu corpo era difusa na poça.

Desaquietou-se com o tom monocórdio da chuva que aumentara. Os pés úmidos já não eram protegidos pelos tênis cambaios, empapados. Seu peito voltou a arfar forte e refletiu que tinha de continuar a fugir. Ali não era o seu destino. Era passagem. Os cigarros, no bolso único da camisa, embora úmidos, ainda existiam. Uma promessa que se esvaiu por não ter isqueiro. Deixara-o na sala de sua casa. A casa para a qual nunca mais voltaria. Isto havia decidido e não mudara de pensar. Era um velho isqueiro Zippo, metálico, ativo e eficaz. Por que o esquecera? →



João Soares Neto

(Fortaleza-CE)

Integra a Academia Fortalezaense de Letras e a Associação Brasileira de Bibliófilos. Tem formação em Direito e Administração. Escreve crônica dominical no jornal *Diário do Nordeste* e, às sextas, no jornal *O Estado*. É colaborador semanal dos sites *Carta Maior* e *Portal Entidades*. Tem quatro livros publicados, dentre eles um de contos: *Microcontos* (2004).

Também, tudo acontecera muito rápido. A consciência de que tinha de fugir o fizera perder o sentido das coisas. Já não importava mais. Agora, era um homem sem volta. Só tinha ida e a chuva o fazia distante do seu sonho. Ou seria pesadelo? Fazia diferença alguma, era coragem sem contrição. Os remorsos vinham do que a vida lhe aprontara e ele caíra na cilada do súbito. Tudo corria tão bem, até as mazelas usuais do seu coração haviam cessado, mesmo quando as drogas deixaram de ser tomadas regularmente.

Voltou a andar. Tão rápido quanto lhe permitia o ar rarefeito cobrado pelos pulmões e o coração retocado. Dobrou à esquerda. Estava saindo da cidade, faltava pouco, bastava atravessar a ponte amadeirada e andar cem passos. Conhecia o trajeto desde criança. Agora seria a última vez que o faria. Só tinha ida. Sabia e t(r)emia por isso. Limpou a testa, não sabia se era suor ou água, sabia que era líquido, mas tudo parecia líquido. A chuva, o suor e a certeza de que errara. O erro é líquido? Ou sólido? Sabia não. Sabia que liquidara o seu tempo de passado. Fechara as portas da casa e jogara a chave no lago. Não se importava com o que ficara. Nada mais lhe dizia respeito. Era só ida.



CAFARNAUM

CAOS PORTÁTIL 54

Tumulto!

As lágrimas borbotam embaralhadas à turba nervosa.

A multidão confusa especula, agoniza, sussurra, trava um cabedal de conhecimentos fúteis, vãos, apocalípticos...

As sombras, sobras aflitas dos espíritos projetados, diluem-se sem cores, num séquito de inquietudes, enquanto carrega-lhe na face plácida o susto do instante, coração latente de esperanças.

Lembrança... Um minuto... Se tivesse há um minuto... Ah, se tivesse...

A rua toldada por nuvens frias, frescas e francas, sentia o anuvio dos pensamentos fracos... Hipócritas!

Ela, deitada ao colchão negro de uma ambição esquecida não mais sofria.

Pendia, para o lado, o pescoço livre, desejado, vivo. A mulher era branca com a brancura da paz e ainda pagara, com castigo, por encarecer a imagem gêmea rente no espelho!

Tumulto! O grito estridente das luzes vermelhas, sanguíneas, anunciando o caos, a vertigem à ponta do abismo, o sacrifício.

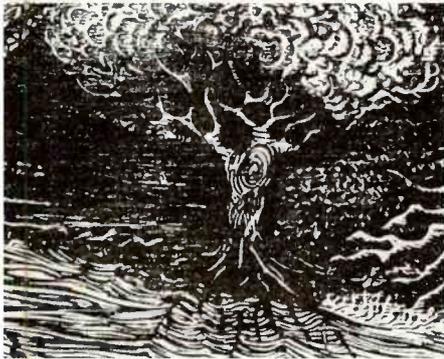
A cidade chora o pranto encarne, embaraçada em forma de pegadas na lama. Tumulto esquecido, as pessoas caminham lentas, mórbidas, desesperançadas e se aligeiram, mesmo lanhas, quando por fim, despertam:

— Está na hora da novela!

Raymundo Netto

(Fortaleza-CE, 1967)

Graduado em Fisioterapia e especialista em Saúde Pública e Administração Hospitalar. É roteirista premiado de vídeo e de quadrinhos. Tem publicado *Um Conto no Passado — cadeiras na calçada* (2005), vencedor do I Edital de Literatura da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará/SECULT, categoria romance, em 2004. Tem no prelo o livro de contos *Os Acangapebas*.



Estiraram-se ansiosos pelos arbustos, procurando a trilha que dava para o rio com o tênue facho de luz que pendia da lanterna do que tomava a frente. Os outros se amontoavam no terreiro, silenciosos e diligentes, segurando cada qual uma lanterna desligada. Eram ao todo seis, compondo o primeiro grupo, o da meia-noite. O último deles puxava uma ampla caixa

com rodas, que trazia cinco carabinas barulhentas, prenunciando a curta vida que teria a tranqüilidade que se dispersava na noite.

– Eita, marrequinha faceira! – entusiasmou-se Felício, desligando a lanterna ao avistar a primeira que despontava, achegando-se às margens do rio.

Tinham-se aproximado da descida que findava nas águas. Um fiozinho de canto de marreco ia já

acariciando o silêncio, aguardando algum espaço para se expandir.

– Shhh, assim você espanta todas, homem! — advertiu Bernardo, em cochicho.

– Tem só uma ali, daqui não ouve não...

Postaram-se no ponto de sempre, ocultados pelo mato denso, e puseram-se a esperar. Passava da meia noite, o grupo tinha até as três da manhã.



Sérgio Rebouças

(Fortaleza-CE, 1983)

Advogado criminalista, mestrando em Ordem Jurídica Constitucional na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará e Professor de Direito. Um dos vencedores do III Edital de Incentivo às Artes, categoria conto (Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006), com a obra *A Canção do Silêncio*.

A lua estava boa para facheada, assim tímida, distante, dando pouca luz. Logo as margens do rio estariam repletas de marrecos indefesos, sem poderem ver muito naquela escuridão toda. Os seis remexiam as pernas no prazer daqueles minutos. Principiavam a sentir o pouso surdo das aves insinuando-se debaixo da árvore que se metia quase dentro do rio. O silêncio, no entanto, atestava o pouco número de marrecos na ribeira. Aqui e ali se ouvia algum piado tímido, nada que sugerisse a habitual algazarra, fortuna dos amantes da caça noturna.

Num gesto meticuloso, Bernardo deitou mão na caixa de utensílios, sacou o minúsculo gravador, dono de uma potência sonora inverossímil em tão rústico aspecto, e cautelosamente o enfiou entre os dedos de Felício. Alberto, o guardião da caixa, rebobinava com o dedo mínimo a fita cassette, enquanto recebia na nuca uma bofetada silenciosa de Bernardo, a punição pelo descuido.

— Tem tempo, tem tempo... — sussurrou Alberto, e sentiu na nuca outra vez a mão de Bernardo, desta vez pelas palavras inúteis.

Felício era o menor e o mais ligeiro de todos. Adestrara-se desde pequeno na arte da fuga esvaindo-se das chineladas da mãe, que à plena luz do dia e à vista de todos corria-lhe no encalço toda vez que o surpreendia de prosa com alguma menina desocupada, em horário de aula. Desenvolveu o ofício pulando cercados e ocultando-se em matagais, caçado durante tardes inteiras pelo proprietário furioso de algum pomar assaltado. Com tal destreza, habilitara-se desde o início do esplendor das facheadas a ser o homem encarregado de descer até perto da árvore e ligar o gravador, fazendo sinal aos outros com a lanterna, quando as margens estivessem plenas de marrecos. Era função que requeria uma eficiência de gatuno. Bernardo fizera-lhe ver que suas habilidades não serviam para o trabalho, pois, segundo soubera, Felício nunca tinha conseguido sair de um só pomar sem ser visto. Seus saques eram sempre eficazes, mas era por ser fugitivo implacável, e não por perícia como ladrão.

Felício resignou-se durante quatro anos, o desleixado Alberto titular da função, nas quatro facheadas, duas das quais bem-sucedidas, que houve nesse tempo. Rendendo-lhe o contragosto pesados ares de insatisfação, atravessou muitas noites intranquílias tratando seu orgulho enfermo, rememorando saudosas peripécias e tentando identificar as falhas de seu percurso apoteótico, até conseguir reunir forças para, já crescido, enfiar-se nos pomares ainda bem vigiados de seus dias e então conseguir, após dez investidas infrutíferas, realizar a almejada fuga silenciosa, sem estrupício

nem tiros. Encorajou-se para, logo na noite seguinte, convidar os companheiros a presenciarem sua irretocável performance, a verem como lhe era



inata a capacidade de ingressar no pomar mais inacessível da cidade e dele sair sem que o vigia desse conta do mais descuidado de seus passos, a certificarem-se de que nem mesmo uma puta duma marreca poderia ouvir algo mais que o som do gravador instalado num galho da árvore.

Bernardo constatou, maravilhado, a evolução do amigo. Os marrecos da região eram muito ariscos, e

várias facheadas já haviam fracassado ao menor barulho feito pelo homem do gravador, o homem de frente, como restou de costume chamar. Iam-se para longe, e passavam meses sem que se visse mais um só pelas bandas, mesmo que o aparelho ficasse muitas horas emitindo com sua potência sobrenatural os cantos gravados em tempo de fatura.

Diante de tão ingrata situação, principiaram entre os grupos as disputas pelo horário da meia-noite, quando foi anunciado por todos os cantos da cidade que o dia chegara. Era preciso apontar o grupo mais preparado, o único digno do primeiro horário. E a revelação do talento de Felício foi fundamental para a vitória da equipe de Bernardo, que era articulador dos mais preparados e que contava, ademais, com o melhor atirador que se conhecia por ali, o taciturno Inocência, que crescera ouvindo da mãe a história das desventuras do pai pistoleiro, de como fora sua má sorte e não seu ofício que o conduzira à desgraça, e atirando nas rolinhas que descansavam nos galhos mais altos da amendoeira do quintal, para fixá-las depois nas paredes dos fundos da casa e treinar sua pontaria até reduzi-las a pedaços. Não tardou toda a cidade se posicionasse a favor do grupo, esperança de venturosa facheada, logo haveria exibição de marrecos em praça pública, sim, veriam filas de marrecos - de *marrecas*, era lúcido dizer -, as cobiçadas aves que rareavam desde muito.

O dia que chegava, regatas de alegria navegando nos ares da cidade. Anunciou-se fato testemunhado por pelo menos três homens de fé, penas de marreco, uma que fosse, firmando rastro na beira do rio, levadas depois no alvoroço do vento. Dois anos que tal não sucedia, desde a desastrosa

facheada que fervia na cabeça de todos. Aquele desvario de fumaça que muitas noites depois não vingaram dissipar, e nem uma só pena de marreco. Foram-se daquela vez, acreditou-se, para nunca mais voltar. O grupo de Bernardo era o segundo, que não teve mais o que fazer. Culparam-se os cinco responsáveis pelo desastre, execração pública. Desde aí Bernardo foi ganhando prestígio, e pensou ter dado seu último grande passo quando despertou o talento de Felício, às vésperas da noite esperada.

Bernardo arquitetou seu grande plano, concebido nas manhãs de verão em que inspecionava toda a ribeira, para mais tarde, entre quatro paredes, reduzir a termo os pontos essenciais de sua estratégia. Estudou, com base nos diversos relatos que lhe foram feitos, as falhas que o famigerado grupo cometera na facheada da desgraça. Constatou, após muitas análises, a predominância de fêmeas na malsinada caça. Só assim podia explicar o sucesso inimaginável da terceira facheada, iniciada pela equipe que depois decairia e finalizada com brilho pelos tiros de Inocência, para, nem dois meses depois, certamente em virtude da absoluta incompetência do primeiro grupo para lidar com as fêmeas, as aves abandonarem o lugar para nunca mais.

Divulgou-se então a teoria de Bernardo: as fêmeas, mais carnudas e saborosas nos pratos, eram mais astuciosas e ariscas, brabas feito bicho nenhum, vacilasse estavam além das terras e levavam consigo tudo o que era raça de marreco, por isso que nem macho se via mais, por tanto tempo. Eram, ademais, organizadas, andavam em bando, muito mais que os machos. Uma só do grupo saísse viva e tudo estava perdido, eis a dimensão do perigo de despertar o susto numa marrequinha dessas. Demoravam a esquecer e disseminavam o medo em todas as outras. Os machos não tinham coesão nenhuma. Ao acaso trilhavam um caminho desconhecido e fugiam por ele, sem terra fixa para voltar. As marrecas, ao contrário, eram grandes mensageiras. Oferecessem prova que refutasse tudo isso que Bernardo se calava. Era preciso ter em conta que, embora os machos fossem presa fácil, seu destino estava atrelado ao do sexo oposto. Onde não havia marrecas não sobravam marrecos, o pensamento que Bernardo incrustara nas mentes limitadas de seus companheiros.

O que ninguém na cidade vingou compreender, nem Bernardo explicar, foi por qual razão, em caso de fuga, descargas de pólvora não constituíam problema maior que um deslize mínimo do homem de frente, porque as aves que fugiam em meio ao estrupício dos balaços voltavam sem embaraço, às vezes trazendo até outras, e na mesma noite, era por isso que havia dois horários, mas se acontecia de o homem de frente fazer barulho, então a noite

estava perdida, não havia uma só que despontasse no ponto mais longínquo, após o bater de asas que murmurava frases de frustração aos caçadores. Era como se as aves reservassem a benevolência ao atirador principal e a inclemência ao homem de frente. Ressentiam-se do embuste do gravador e valorizavam o ataque franco e ostensivo da carabina, foi a solução do imprevisível Alberto, que Bernardo tomou para si. Sendo fêmeas as aves, não só a noite estava perdida. Dois anos de abstinência, foi o saldo da última facheada. Tiros foram muitos, vindos de todos os lados, mas só depois de um ataque precipitado pela imperícia do homem de frente, que, com dois passos agoniados, desencadeara a desabalada fuga. Estava composta a desgraça, com os dois caracteres que Bernardo jungiu em suas conclusões: o descuido do que portava o gravador e a predominância de fêmeas. Identificado o problema, que não mais se errasse, agora que as aves atinavam de novo pelas bandas.

Três dias de treinamento, e estavam lá, quase impacientes, nenhum canto de marreca atravessando os arredores. Bernardo estava convicto de que desfilavam por perto. Felício cutucou-lhe a perna, esperando o sinal. Bernardo fez que não com os dois indicadores. Tomou a lanterna e facheou algumas árvores de além-rio, nem sinal de marreca. Notou, com seu ouvido aguçado de caçador, os passos tranqüilos da primeira que viram. Haveria mais duas ou três por perto. A atitude de reputarem fêmea a primeira ave vista provinha de artifício de Bernardo, consistente em assim dizer de todo bicho penado que se visse na noite, como forma de fomento à máxima cautela.



Felício ia já enterrando a lanterna no chão em sua impaciência quando todos sentiram passar um bando sobre o rio. Estavam chegando. Jam dar para os outros lados, mas bastavam os chamados do gravador para que assomassem à ribeira. Bernardo despejou a mão nas costas de Felício, cinco segundos passaram, a silhueta do gatuno nem mais sugerida.

Iniciavam-se os movimentos. Alberto arrumava as carabinas dentro

da caixa, enquanto Inocêncio prendia entre os dentes o cartucho que achara ainda criança no relicário do pai, e que desde então o acompanhava em suas caças frenéticas. Pendia-lhe da cintura, preso a um suporte de couro curtido,

uma pistola de cano longo, com que outrora desbravava os quintais imundos de sua casa e assomava delirante atirando nos animais ribeirinhos, sob os olhares faceiros das moçoilas extraviadas que lavavam roupa entre desatinos e malícias. Essa arma lhe fora dada por um ferreiro que se impressionara com sua invulgar artilharia. Servia-lhe agora para os casos de emergência, para a hipótese jamais configurada de a carabina falhar no momento adequado.

Os minutos dilatavam-se no passar da noite, sem que se ouvisse qualquer ruído pelas redondezas. Bernardo principiava a impacientar-se com a demora incompreensível de Felício. Inocêncio concentrava-se na preparação de seu arsenal. Alberto sentiu sono, pela primeira vez. Os outros se recostavam recônditos sob as costas de Bernardo, aguardando as ordens, enquanto mexiam os dedos em aquecimento.

Os ares da madrugada iam se tornando pesados e insolentes. Os cinco da retaguarda já empunhavam as armas bem reguladas. Alberto quis ir atrás de Felício e foi repellido por uma coronhada certa de Inocêncio, que havia muito aprendera a fazer-se entender pelos maus modos, em lhe faltando os mais frouxos alicerces da comunicação oral.

Ao longe romperam ruídos confusos, parecendo indicar as perseguições famélicas que se enviesavam na facilidade da noite. Sussurrou alvoroço de penas batendo na água, uma luz tremeluziu no alto, e os cantos atropelaram o silêncio sem pudor. Do que não se deu tempo para arrumações. Os cinco meteram-se pela trilha preparada, animados pela mistura de algazarras sonoras festejando a facheada.

Em pouco tempo estavam debaixo da árvore, onde diabos enfiara-se Felício, que era para estar ali? De cima trabalhava a potência do aparelho abençoado. Inocêncio apoiou o cano da espingarda no ombro de Alberto e mandou fachear. Bernardo levantou a arma. Quatro fachos abriram luz na noite. Da carabina de Inocêncio saíram os primeiros tiros, a que se seguiu a exibição de Bernardo, e logo a dos outros, que deixaram cair as lanternas no chão e atiraram à vontade, enchendo o tempo de lembranças e fumaças indissipáveis, que conduziram os ares encantados de penas e de homens, emancipados no esplendor sonoro que enfeitiçou seus caminhos e os levou para sempre.

Você ontem acordou assustada. A luz do amanhecer roçando-lhe os pés pálidos. Tive vontade, ali na cama, de falar sobre o nosso filho, sobre o que ele me disse antes de partir. Foi tão importante o que ele me disse! Mas você ficou de costas, olhando a réstia de luz por baixo da cortina, os suspiros secos.

Vi, de repente, que você chorava, a cortina se movendo. Queria te dizer o que o nosso filho me falou, mas você não me olhou como sempre me olhava quando queria me ouvir. Você, sem me olhar, me culpava. Então comecei a chorar também, a observar a luz atravessando a cortina, iluminando os tênis do nosso filho ao pé da parede. Ficamos os dois, ao amanhecer, chorando no quarto. Esperando que você se virasse, eu olhava teu pescoço, tão parecido com o do nosso menino. O nosso menino, que me disse algo tão apaixonante. E que, atormentado, partiu tão cedo.

Rinaldo de Fernandes

(Chapadinha-MA, 1960)

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Ceará. É autor do livro de contos *O perfume de Roberta* (2006) e da novela *Rita no pomar* (inédita). Organizador das antologias *O Clarim e a Oração: cem anos de Os Sertões* (2002), *Contos cruéis* (2006) e *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (2006).

DERRADEIRO PRAZER

Frio.

Na janela do quarto de casal do terceiro andar pouco ou nada se vê de luz. Apesar das três ou quatro horas da tarde, nuvens negras do tempo de chuva transformam o dia em quase noite. É sábado e, como de costume, fazem amor entre sussurros e gritos abafados. A casa vive cheia de gente, o que lhes tira a liberdade de deixarem fluir corpos e sons. Amor cerceado, gozos incompletos.

O menino pequeno, ainda sem noções do bem e do mal, trafega pela casa descobrindo coisas. Cada canto é uma brincadeira a mais, um novo lugar a ser desbravado. Um brinquedo arremessado de lado, pequenos gritos de espanto, uma repreensão ou duas da avó complacente. É dele aquele mundo, mesmo sem saber direito a causa de não poder aventurar-se quarto dos pais adentro. Felicidade contida no estreito espaço de um apartamento.

Chuva mais forte. Proximidade do clímax. Da cozinha, o cheiro de café feito na hora convida à ceia regada ao calor do pão quente, leite, queijos e risos. Na televisão, um programa qualquer. Não importa qual, desde que ela esteja ligada, falando como deve falar aquele objeto que se tornou membro obrigatório de qualquer família moderna. Palimpsestos da modernidade.

O barulho das unhas do cachorro sonolento coçando pulgas imaginárias ressoa maçante pelo chão de madeira envernizada onde o menino empurra uma velha cadeira, imitando o carro bonito que costuma parar na garagem do vizinho mais rico...

Chega o prazer. Ardem os corpos. Mais gritos contidos. Barulho estranho na varanda da casa de sons tão familiares. Dois segundos, pancada abafada, chão de concreto. A avó que grita, joelhos no chão. Está morto o menino, a cadeira do lado, o sangue que escorre do corpo, dois anos, nunca mais serão os mesmos os pais que ainda aproveitam os instantes finais de seu último prazer conjunto.

Túlio Monteiro

(Fortaleza-CE, 1964)

Graduado em Letras e mestrando em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Publicou um livro de poemas: *Agosto em Plenilúdio* (1995), dois ensaios biográficos: *Sinhá D'Amora – Primeira-Dama das Artes Plásticas do Brasil* (2002) e *Lopes Filho* (2002), além de *Dois Dedos de Prosa com Graciliano Ramos* (2007), de contos. Organizou a *Antologia de Contos Cearenses* (2004). Foi vencedor do “II Prêmio Ideal Clube de Literatura”, dentre outros.

O relógio-vovô parara. Não o pêndulo da imaginação: entre o passado e o futuro, sem parar no presente.

A João irritava-lhe a verdade; queria a mentira !

Em toda a sua vida acreditara na verdade, e tudo era vera mentira.

Aquelas histórias de Adão e Eva, e de Abel e Caim (melhor assim, em ordem alfabética) talvez sejam verdadeiras, mas ele tinha certeza que a mentira sobressaíra, embora escondida atrás da macieira, pela folha de parreira, ou sob testamentária e lombrosiana ambição.

Comer manga de noite fazia mal !! João conhecia a casa grande e a senzala, e assim acreditava ser mentirosa aquela verdade.

Em toda verdade há uma mentira subjacente, e João é brasileiro ! Era essa mentira que João queria saber !

Por que parara o relógio, se o tempo continuava, se João 'indacordava todas as manhãs !!

Pedro Henrique Saraiva Leão

(Fortaleza-CE, 1938)

Médico e professor da Universidade Federal do Ceará, é poeta, embora se aventure também por textos narrativos. Editor da revista *Literapia*. Pertence à Academia Cearense de Letras e à Academia Cearense de Medicina. Tem 10 obras poéticas publicadas.

O SORRISO DE BRINQUEDO

CAOS PORTÁTIL 64

Os mendigos assaltaram o depósito do lixão. Pu-
seram nos sacos sobejos de valor.

Foram pelas ladeiras alegres, mas sem abrir a boca,
o vento era frio e os dentes de sorrir doíam.

Lá nos viadutos fizeram a partilha.

Quero a boneca pra minha neta.

Que nada, ela é minha!

Sem conversa o chefe saltou sobre o da boneca e
dividiu sua cara ao meio com uma giletada.

O sangue quente nos dentes...

Todos sacaram suas giletas e retocaram uns aos ou-
tros.

O velho barrigudo segurava a torneira da jugular.

A netinha aproveitou para tomar a boneca e cor-
rer, os cabelos espetando o vento, um olho aberto e outro
fechado, o sorriso de brinquedo.

Sãs e salvas, as duas moram no sinal.

A boneca, olho fechado, olho aberto, mão estendi-
da recebe as moedas.

O sujeito do outro lado da rua tem planos para a
menina.

Gildemar Pontes

(Fortaleza-CE, 1960)

Poeta, ficcionista, ensaísta e autor de *Metafísica das partes* (poesia, 1991), *O olhar de Narciso* (poesia, 1995), *O silêncio* (infantil, 1996), *A miragem do espelho* (conto, 1998), dentre outros. É editor da Revista Acauã e Professor de Literatura na Universidade Federal de Campina Grande. Participou das Antologias *Contos cruéis* (2006) e *Quartas Histórias* (2006), organizadas por Rinaldo de Fernandes.



Anos a fio de olhar parado, num catre da casa paroquial, cofiando, nervoso, pêlos da barba roída e mal cuidada.

De vez em quando, com um grunhido quase inaudível, como raspando a pele, arranha o rosto com as unhas. Os olhos nervosos piscam, espantando o embaço e, quando marejam, a demência cambaleia perde o tônus e fica leve. As lágrimas contam lembranças. Como aquelas das desgraças, parto das fraquezas, embalsamadas dentro da alma para sempre. Aquelas que se alevantam e arrastam os moribundos ao altar dos penitentes.

A cortina d'água lhe queima olhos, arde em lembranças mas não lava a nódoa que embotou a fé nem absolve a mácula da batina. É o castigo. A treva que nunca se apaga.



A unção dos óleos, a bênção dos santos, a celebração das divindades, tudo era contrito e belo: os votos diante do sacrário, os cânticos entoados em compadrio com as vozes e os améns rejubilando a retidão dos fiéis. O sinal místico traçado no ar com a mão direita, a encomenda da paz e da felicidade em todos os lares.

—O Senhor estará sempre convosco!

—Ele está em nosso coração.

—Ide em paz...

Mas depois, a desventura. Quem recolheu os paramentos sagrados e os escondeu no fundo das vergonhas? Aquele gemido triste e quase mudo, atrás da mureta baixa da antiga sacristia?

Foi ali, na reclusão dos santos, logo depois da missa das 18 horas.

—Que fazes aí, criatura de Deus!

—Hã!



Geraldo Jesuino da Costa

(Fortaleza-CE, 1946)

Jornalista, Designer gráfico, Desenhista, Professor. Roteirista e desenhista de Histórias em Quadrinhos. Tem trabalho publicado no álbum *Moreira Campos em Quadrinhos* (1995) e na revista *Carbano 14*, da Oficina de Quadrinhos da UFC. Publicou pela Biblioteca da Vida Rural Brasileira (1981), os livretos de poesia *O Trenzinho* e *O Espantinho*. Colaborou com a revista *Porão*.

Olhos arregalados, lábios estremecidos.

–Que fazes aí?

Um frio repentino desafiou as vestes e congelou o sangue. Um arrepio alvissareiro, presságio que, quase sempre, antecede o caos.

A chuva caía forte e fazia festa de cores com reflexo das chamas dos castiçais do oratório.

–Queria... benzer meu rosário.

–Por que assim, às escondidas?

–Não tenho permissão...

Um corpo se ergueu. Um relâmpago incendiou os conflitos. A roupa puída e molhada, grudada à pele, revelava o que as mãos, poucas, não conseguiam esconder.

Sucumbem os mistérios. Os raios amiúdam.

–Dá-mo. Deixa-me benzê-lo.

Há sempre uma chave para o imponderável. Há sempre uma provocação a ser cumprida. Uma centelha.

Um toque dos dedos, um choro contido e o rugido dos felinos.

A noite não mais cantou os louvores e nem a chuva mudou o seu rumo. Copiosamente sussurrou nos telhados atando os grunhidos aos velhos móveis mudos e inquisidores por minutos eternos, até quando, talvez arrependida de sua cumplicidade, estancou e deixou vaziar pelas paredes os ecos dos gemidos e dos cansaços.

Estava feito.

Ainda sorrisos enfeitavam rostos extenuados quando o eco mortal trouxe a derrota ao embate, tangeu os animais, revelou a consciência, as vergonhas e a desgraça.

–Meu Deus!

A porta entreaberta não se opôs ao desajeitado arranco da fuga. Tapos molhados arrastaram-se pendidos e o rosário, sem a bênção, desenhou círculos no ar. Sangue virgem no chão de pedra.

Aquele vulto perdeu-se por entre as tantas escuridões. O outro ficou ali, encolhido, recolhendo a chuva dos olhos embalada por soluços vãos.



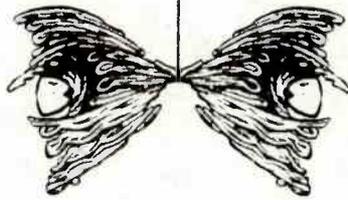
Aonde foram todos? As noites sem açoite, os cânticos, os mistérios sagrados, o desenho do símbolo no ar...

–Aonde foram?

Só as maldições persistem escondidas nas águas dos olhos que, de quando em vez, acodem um gemido de agonia perdido sobre um catre infeliz.

JULIANA

O amor existe, fique sabendo.
(Rubem Fonseca)



Amava-o desesperadamente. Tanto, que amava as coisas e as pessoas das quais ele gostava, como forma também de amá-lo.

Assim, aprendeu a gostar de futebol, de cerveja e de charutos, mesmo que a primeira paixão lhe parecesse muito chata e as outras duas estivessem lhe arruinando a saúde.

Mas amava essas coisas na medida em que ele as amava. Se o interesse dele por qualquer delas diminuía momentaneamente, também o dela caía de intensidade.

Quando, porém, ele se apaixonou por Clara, todos viram que aquele amor era maior que os anteriores, e que a jovem, tão fresca, tão bela, havia virado por completo a sua cabeça.

Surpresa não foi, para quase ninguém, que ela o seguisse na intensidade desse sentimento. O único, talvez, a surpreender-se, foi ele próprio, ao encontrar as duas na cama, dormindo abraçadas, a felicidade inundando o quarto e já se derramando pelo resto da casa.

Joan Edesson

(Cedro-CE, 1965)

Licenciado em Pedagogia. É professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Ganhou o Prêmio Cidade de Fortaleza (1996, 1997 e 2000), o Prêmio Domingos Olímpio de Literatura (2000 e 2001), o Prêmio Ideal Clube (2001). Publicou *Com margaridas nos olhos* (poesia, 1999), obra premiada no Prêmio Farias Brito de Literatura (1997), e editada pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

VIDA INTEIRA DE INTERSTÍCIO

CAOS PORTÁTIL 08

um homem inconseqüente e descontínuo. cresceu sem que nada chegasse inteiro a suas mãos.

um indivíduo sem os olhos convenientemente abertos, cuja palidez denuncia uma insaciável fome de contorno. um cidadão que abandona pensamentos na rua.

um homem que há anos desenvolve um apego doentio à mobilidade e já gastou metade da vida em sumiço.

um sujeito assim não seria mais facilmente traído pela chuva!

Cândido Rolim

(Várzea Alegre-CE, 1965)

Morou em Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, atualmente reside em Fortaleza. Tem publicados os livros *Arauto* (1988), *Exemplos Alados* (1997) e *Pedra Habitada* (2002), matérias, críticas e artigos em jornais e revistas impressas do país e do exterior e em diversos sites de literatura.

UNO, DOS, TRES

Os olhos quase fixos, alguns diziam que finalmente fixos, do teimoso e ininterrupto trovão. Tudo era um acordo parcial, uma cordialidade suspensa em alguma linha de assinatura: assine, por favor.

— Uno, dos, tres.

Os olhos, sim, estes que eram mais rápidos que as muletas, mais rápidos que a língua que lambia cada corpo com aqueles números feitos de estacas. Mais rápidos, os olhos pararam antes, antes de todo o resto, que ainda era revolto. Quase uma loucura tardia, sua lucidez de Senhora. Chamá-la de puta, de puta como a chamavam antes, de ladra, de cigana vagabunda, soaria mais respeitável.

— Assine, senhora, para onde está olhando? Sente-se bem?

— Não, eu não estou caducando, estou lúcida.

— Eu sei, não perguntei isto, assine, por favor.



Adry Salgueiro
(Fortaleza-CE, 1988)

É estudante de Direito da Universidade Federal do Ceará, escreve contos e poemas nos fanzines *Livros*, *Vestibular* e *Base Aérea*, também participou da coletânea *Canhotos*. Publica contos e poemas em seu blog *Mergulho no Raso* (www.mergulhonoraso.blogspot.com).

Participa do projeto *Por Mais Leitura*. É inédito em livros.

— E o que há para ser assinado? O morto assina seu óbito? Chamem meu responsável: Nosso Senhor Jesus Cristo, padroeiro das velhas caducas como eu.

Sáida não sei de onde da Andaluzia, a mulher estava não sei onde e não sei quando. Seus alunos, exceto Carlos, sentiam medo de suas fotos de ciganos, da sua gangue fantasma, de mortos demoníacos. Carlos, não, ele não. E, talvez, por isso mesmo aproximou-se debochadamente, depois apaixonadamente, pela mulher mais velha. E agora era seu nome que lá estava, para comprar, por manobra não menos traiçoeira que uma declaração de amor, a sua escola de dança. Assinava, seus olhos apenas decorando o caminho reto e lúcido que sustentava seu falso nome, seu nome cristão.

Três facadas, três. Uno, dos, tres. Os passos, em mesmo número e intensidade, que davam crianças, adultos: os compassos de hastes compridas, que seguravam melhor sua mente que seu corpo. A contagem incessante de que precisava, independente de qualquer outra intenção, para manter-se viva e sob controle. Secretamente, sob controle de si própria.

— Me deixe só morrer com meus pecados.

— Pode morrer com eles.

— E o que te interessa? O que é isso tudo?

— Só interessa a mim, eu que vou viver com os teus pecados. Morre com os teus pecados, que eles são a minha herança. Se eu pudesse herdar essa tua casa para torná-la outra coisa. Se eu pudesse herdar os teus ossos e fazê-los botões. Só herdo os teus pecados, e estes teus pecados só posso repeti-los.

Três pontos estreitos, implícitos sobre o xale, no oculto da nuca. O primeiro golpe, de flecha, na instabilidade dos planos calculados, o caminho entre o que queria e o que não queria era cheio de ângulos. Os lances de dança, implícitos sob as intenções de uma música que parece não se agüentar no rumor, sem um ponto agudo, uma lança de ferro de finados esqueletos: o que sairia da terra já era esperado? Quem vive sabe mesmo que morrerá? A coreografia marcada (uno, dos, tres), era-lhes (a ela e a Carlos) tão desconhecida quanto suas próprias palavras. Tão misteriosas.

Sabia que só a mataria de uma única forma, e começou seu plano. O amor deles, tão injusto e cruel. Alguém diria que era culpa da mulher, inescrupulosa. Não era, era culpa de qualquer coisa, menos dela. Dele? Tampouco dele. E, ao perceber isso, e somente assim, conseguiu o que queria. Vingá-lo.

Minar suas finanças, com a confiança que tinha das contas da casa, foi fácil, e era o tortuoso caminho mais fácil. Daí, a segunda ação, mais incisiva: trabalhou, pela força do ódio, em tudo mais que lhe trouxesse

algum dinheiro. Se pudesse, convenciam um ou outro dos dançarinos a trabalhos extras. E o que ela não tivesse, ele lá teria.

A terceira. Tres. A roleta russa de um harakiri?

— E o que você vai fazer?

— Repeti-la, simplesmente. Até que você seja esquecida.

— Que alívio. Estou morta, mas alguém vai lhe buscar.

— É a vida. É a morte.

— O que é isso na sua mão?

— Um disco. La Susi... Nós vamos dançar.

— La Susi, nunca gostei, canta mal e por dinheiro, é uma puta.

— Você também.

Sorriram. Uno, dos, tres. La Susi, quase tristemente, ainda dizia:

*Yo quisiera ser ...
como el ancho mar
al amanecer...*

A QUEDA DO IMPERADOR

CAOS PORTÁTIL 72

Foi quando caiu no chão, atingido pelo soco do desconhecido, que percebeu que não trazia as chaves de casa, esquecidas no cinzeiro sempre vazio da mesinha de centro, junto com a chave do carro antigo, enguiçado na garagem. Se não estivesse sendo espancado não se desesperaria. A mulher deveria ter voltado para a cama após ter-lhe feito o café forte demais, as torradas muito queimadas e os ovos pouco mexidos, enquanto o menino lhe fazia perguntas irrespondíveis.

Levantou, para não ter a cabeça pisoteada e para lembrar a conta de telefone que chegara com uma ligação para o Haiti sem que ele ou a esposa ou mesmo o filho tivessem qualquer parente ou amigo naquele país, e que ele levaria à sede da empresa a fim de resolver o problema, e já havia deixado a conta sob o jarro de flores, na mesa do jantar, perto da porta de saída e, mesmo assim, esquecera, como esquecera as chaves. O sujeito jogara sua cabeça na parede e, a despeito da tontura passageira, da crise nos labirintos que o começava a atacar, se maldisse por sua memória.

Decerto, chegaria ao trabalho repreendido pelo atrasado, sem os papéis e os livros que levava na pasta, agora aberta em leque e esvaziada pelos chutes. Tentou correr para pegar o ônibus, mas a joelhada na genitália inviabilizou muita coisa. Inclusive ficou sem pensamentos por instantes, até a dor passar levemente e ele ouvir, da mal sintonizada AM da vizinha, a notícia da crise do petróleo. O plástico iria encarecer já que se preocupar com a gasolina de um carro nunca utilizado seria extravagância.

Alan Santiago

(Fortaleza-CE, 1988)

Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, publica seus contos no site *Play it Once, Sam*. Publicou contos também no jornal *O Povo*, nas revistas literárias *Bagatelas* e *Bestiário* e no site *Civilizados*. É inédito em livros.



Mais uma bordoadada no rosto e cuspiu sangue e pedaços de dente, talvez coláveis novamente. Ontem à noite, antes de se deitar ao lado da mulher e dormirem sem dar boa-noite nem desligar a televisão, ensinara ao filho que o homem, ser humano, perde dente, ao correr das eternidades, porque deixa de empreender tanta força pra mastigar.

– Perdemos nosso rabo, estamos perdendo nossos dentes. Evolução da espécie.

E o filho parecia deliciado e aliviado com o seu sorriso banguela: os dentes de leite que lhe foram subtraídos, segundo sua mãe, por Deus. O pai pensou nas conclusões sobre céu, inferno e dentes que o menino espontaneamente faria e dormiu, acreditando no dia de sempre que viria em seguida, no beijo de travesseiro pela manhã.

Tentou revidar da maneira mais violenta que conseguiu, mas continuou a ser violentamente massacrado. E os jornais acumulados no quartinho de empregada, aquela pilha imensa junto com a estante de livros herdados de duas gerações, nunca abertos até então, que guardavam poeira, ácaros, serpentes e um tropel de histórias que o menino irrompia assustado para contar à mãe ao pé da pia, enquanto ela se sujava com a carne do almoço. Depois de ouvir da sala, o pai ia conferir a biblioteca inteiramente esmiuçada.

A cabeçada que lhe atingiu o olho e os chutes que marcaram as costas lembraram-lhe dos recados escritos pela mulher e deixados no criado mudo, ao lado da cama do casal. A mulher revelava suas homéricas traições e ele descia para tomar o café, fingindo que de nada sabia, e ela dissimulando que nada dissera e tudo parecia velado como o casamento dos dois e a lua de mel, em silêncio, em que assumiram o pacto de infidelidade eterna, unidos por um filho e somente um. Nunca houve amor, e a calça puía nos joelhos.

O desconhecido mordeu, pela última vez, a mão dele e saiu rápido. O homem pegou a pasta, os livros que molharam na lama da sarjeta, os papéis que ainda estavam próximos, os óculos estilhaçados, o sangue escorrendo feito suor. Estendeu a mão porque já era tempo de um novo ônibus que o levaria para casa, aonde chegaria sem saber explicar o que havia acontecido, colocaria compressas de gelo nos ferimentos, pés na água, tomaria um bom banho e deitaria ao lado da mulher sem dar boa-noite, nem desligar a televisão e leria os bilhetes de morte no dia seguinte, esqueceria a conta e não mais as chaves e seria espancado novamente antes de ir para o trabalho.

ESCRITOS DO DILÚVIO

CAOS PORTÁTIL 74

O frevo-barulho de Olinda e o silêncio. As areias macias de Toledo. Os lábios ardentes de Fernanda que me levaram um dia para a morte. O seios redondos de Cynara. As conversas estéticas de Luana. Os beijos molhados de Salete e os pontos de luz ao longo do corpo de Narcisa.

Porém as marcas maiores da infância são essas: uma foice cravada sobre a mesa, nove balas em um único buraco, os carneiros balindo ao sabor do império dos marchantes, a corda amarrada no pescoço do meu pai, uma réstia branca na varanda e a minha mãe morrendo por não viver a vida que queria.

Vida. Um projeto de vida é um instante. E um dilema de vida é tudo o que carrego comigo, pois viver ou morrer não interessa quando se tem a morte como certa, tais uma dália branca e uma rosa púrpura e um homem segurando um cachorro pelo cano. E os meus irmãos ferrando as cadelas no terreiro. E o meu pai expulsando os demônios do seu corpo. E eu sozinho menino entre mangueiras, a ler um livro de luz quando não se tinha um livro impresso pela frente.

E que me venham, por último, de forma reduzida, um seios brancos que eu mordi em uma noite francamente marcada pela morte. Uns seios magros e quase fatalmente densos quando eu cravei os dentes nos seus bicos. Eu queria chupar os seios de



Dimas Macedo

(Lavras da Mangabeira-CE, 1956)

Poeta e Crítico literário. Professor da Universidade Federal do Ceará – UFC e membro da Academia Cearense de Letras. É autor de *Lavoura Úmida* (1990), *Liturgia do Caos* (1996), *Sintaxe do Desejo* (2006) e do livro de ensaios *Crítica Imperfeita* (2001), entre outros.

Marcela porque essa era a forma que eu tinha de acabar com o sangue agitado que ela carregava entre as pernas. Ela aceitou morrer lentamente em meus braços, pois queria despertar em mim o assassino totalmente frio que ainda hoje faz as suas vítimas e vive escandalosamente solto pelas ruas.

A morte de Marcela é o maior de todos os meus atos. E o sangue que lhe suguei do corpo ainda hoje lateja em minhas veias. Com ela aprendi que o sexo, na mulher, está um pouco mais acima da vulva e a um palmo, talvez, da cavidade dos lábios. O sexo, segundo ela, não estaria no ânus, mais ao alcance de todos a qualquer hora em que os seres humanos estejam represados. “Bastam-se os dedos e um par de olhos quando queremos levar uma parceria secreta para a cama” – era tudo o que Marcela dizia enquanto eu praticava o maior de todos os meus crimes.

Depois eu me larguei sozinho pelas ruas do centro. Chovia muito na cidade. As luzes totalmente foscas. As pessoas comprimidas em um amplo balcão de uma lanchonete. As revistas pingando sangue e esperma na Banca do Bodinho. Um casal de gringos atravessando a Praça do Ferreira. Uma vontade imensa de fazer sexo com o amor de Deus me permitisse.

E muito perto de mim o motorista gritou assustado – “A morte! Para que serve a morte?” – “Para nada”, respondi e continuei andando pelas ruas. Bêbado. Totalmente bêbado pelos mistérios da infância e pelos sinos poliédricos da Igreja de Lavras.

Deus ou a morte. O sexo ou a morte. A loucura completa ou a morte. Era isso que eu via na Igreja de Lavras. Nas preces do meu pai faminto pelas hóstias. Nos dedos da minha mãe segurando as cordas do rosário. E o resto era a dúvida e o espanto. E o sexo crescendo sob a roupa. E Santa Teresinha me enxugando o rosto com um lenço.

Acho que a morte do meu pai é uma marca antiga. Marca que ele próprio trazia na alma e que achava uma coisa perigosa. E por tudo a minha mãe não tinha espaço para a luta. Vivia em agonia por dentro e incendiava por fora todas as pessoas. Era portadora de uma ânsia bipolar congênita. E como um pássaro em pânico vivia explodindo como louca. Não queria morrer e a morte prematura era o sinal primeiro da presença de Deus em sua vida.

A chuva. Essa maldita chuva a interromper os passos da in-

fância, o tempo maior de sofrimento do homem sobre a terra, o tempo da condenação e dos estigmas, o tempo do sexo borbulhante e das mãos vazias de carinho.

E é por isso que peço uma força todinha para o Papa. E o paraíso inteiro para Dante. E o grau de santidade para Oscar Wilde. E as bordas de uma estrela para pendurar os meus conflitos mágicos e as minhas ilusões maiores no plano de Narciso.

E que sigam para longe de mim as metas esotéricas. E as conversas bobas dos boêmios. E os prêmios literários que não valem nada. E essa safra imensa de poetas que vejo em Fortaleza. Tolos. Completamente tolos e lunáticos.

Ai Ceará dos meus olhos lívidos de matuto! Dos meus olhos límpidos de esteta! Dos meus passos trôpegos de boêmio, sempre em busca de veneno e glória! E a minha história secreta que não sai em livro.

E o parceiro secreto do poeta continua caminhando sob a chuva e morrendo. Morrendo para nascer de novo para o mundo. Para o mundo eternamente novo do instante. E como suicida ele sabia que não tinha saída: ou a ânsia plural e absoluta que o marcava tanto ou o coração eternamente domínio de todas as mulheres ou o habito de monge que o aguardava prontinho para breve ou o amor total e inseguro que Sílvia lhe acenava com os dedos rotos de esperma. Sílvia, a fantasia secreta e deslumbrante e a última, entre todas as mulheres, com que desejava trepar com segurança e enquanto fosse necessário.

Sílvia e os seus olhos lânguidos de menina. Sílvia e a sua escultura branca de gazela. Sílvia e a sua voz macia de repórter. Sílvia e as suas mãos maduras pela frente. Sílvia a exigir carinho pelas costas. A se deitar bonita ao lado do poeta. A escolher as notas do seu canto. A lhe dizer cantares de amiga, porque, afinal, o amor no amor se basta. O amor, assim, talvez, maior que o medo. O amor maduro e mágico de um poeta. O amor bandido de Sílvia no começo.

MANHÃS DE AMARELO MILHO

O inferno começa às seis e meia. Os passos dele, depois a urina caindo na privada e na minha cabeça. Ele mijá como se estivesse num bar. Na minha porta entreaberta, aquele barulho faz uma curva e entra matando. Eu sei que ele apóia uma das mãos na parede e com a outra sacode o pau mole, molhado, esbanjando gotas amarelas pelo chão. Assim que eu levantar da cama, não vai ter jeito: desinfetante. Depois tomo café, depois que ele sair, eu lavo o chão do banheiro, lavo o rosto, sento à mesa e tomo meu leite fervendo, latejando, cortando a língua. Mas só depois que ele bater a porta da sala, porque não dá pra ficar perto dele, porque a cara dele já tem jeito e cheiro de mijo. Mijo velho, ordinário. O mijo dele faz eco e sempre me invade. Merda, merda, merda.

Quando posso, quando pressinto que ele se levantou e caminha para o banheiro, eu coloco as mãos nos ouvidos. Mas aquele mijo que contorna a porta do meu quarto, sempre descobre uma fresta entre os meus dedos e se enfia, encontra meu ouvido e entra. Minha cabeça é uma descarga dando voltas e meus dentes vão se encontrando e rasgando aquilo que ponho na boca, enquanto o mijo entra mim. Eu queria me trancar no guarda-roupa às seis e meia, todos os dias. Mas acho que não vai adiantar. O mijo vai dar seu jeito de me encontrar.



Junior Ratts

(Fortaleza-CE, 1980)

É Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará e atua como redator publicitário. Escreveu a peça *Três na Cova* (encenada em 2004 e 2006) e os livros *Eterna Morte Passageira* (contos, 2006), premiado no II Edital de Incentivo às Artes da SECULT em 2005, e *Sweet Dreams: o anão e o cachorro, o calmante e o formicida*, vencedor do Edital da FUNCET (publicação prevista para 2007).

Caramba, como é que pode! Eu sinto que já foi e não volta mais: pra mim, todo homem se tornou uma coisa que mija e faz barulho mijando.

Eu podia cortar todos os pênis do mundo, ter isso como uma meta, sei lá. Porque acho, ou penso que acho, que não vou me tornar boa coisa mesmo, então fazer isso não seria tão ruim, seria tirar para sempre as mãos das orelhas, seria poder dormir e acordar depois das sete. Em paz. Não tem jeito, o que dá pra fazer agora é agüentar aquele homem ou torcer pra que ele morra, ou puxar coragem sei lá de onde e arrancar aquele pau barulhento dele. De vez em quando, sonho com isso e o sonho acaba bem às seis e meia quando o barulho desgraçado chega. As balançadas, uma mão na parede, a outra guiando aquela merda para todos os cantos do meu banheiro. Desinfetante, desinfetante, desinfetante.

Tenho vontade de dormir com um desinfetante do meu lado. Enfiar nos ouvidos e deixar correr ele todo pelo corpo. Por dentro, por dentro, lá dentro mesmo. Qualquer dia, se eu tiver sorte, às seis e meia, depois do sonho, mas antes dos passos, eu acordo e despejo tudo no ouvido. Sacudo o corpo e vomito tudo: fico limpa. Podia fazer isso, mas tinha que ser todo dia, porque todo dia ele se levanta, anda o que tem que andar e mija. Às seis e meia, meu mundo é todo de mijo e barulho. Posso contar as gotas, posso sentir as gotas, a textura, o cheiro. Meu mundo é amarelo milho podre, às seis e meia. E às seis e meia também, meu mundo poderia ser salvo se eu conseguisse me levantar um pouco antes e enfiar desinfetante no ouvido ou correr para o quarto dele e arrancar aquele troço. Com a mão, com a boca, com a faca. Arrancar. ARRANCAR.

Então nunca mais mijo, nunca mais barulho. Eu acordando oito da manhã e não precisando tampar os ouvidos. Eu tomando café sem ele, sem seus olhos abarrotados de mijo pronto para sair, com seu pau sempre quase explodindo, gotejando. Mas será quê? Não será que de repente... Não sei, entrar no quarto não me parece boa idéia, me esconder no banheiro também não. Então deixo a porta aberta e não rezo, mas torço que, ao contornar a porta, o barulho da urina traga o dono do barulho até minha cama para ver minha cabeça amassada por fora e meu corpo cheirando a desinfetante por dentro.

APÓS A NEBLINA CINZENTA DO CREPÚSCULO

[...]quando no cimo da encosta, após a última badalada saudosa do Ângelus, apagam-se os esboços e os contornos dos horizontes, caindo então sobre a terra a neblina cinzenta do crepúsculo...
[PAISAGEM]

E daí a pouco, a Lua, através das matas do vale, anelante e álgida, surgirá, rasgará d'alto as nuvens no céu, acordando os aromas adormecidos, cristalizada, vagarosa e tristemente, como uma dor que gelou.
[VITALIZAÇÃO]

João da Cruz e Souza

O vento começa a delinear pontos essenciais da composição de cena.
As nuvens. A lua. As estrelas. O céu.

Em toda a sua extensão a nossa vila turva-se de vermelho, rosa, roxo, verde, florais – estampas de um enorme e denso colorido. A lua nestas noites, desde as primeiras horas, talvez influenciada por tantas mudanças, compõe-se *bordô*, – reforçando detalhes e apagando eventuais manchas que possam dissimular imagens.

As nuvens, disformes e em tons vermelhos, se espalham pelo céu até se concentrarem em volta da lua e perderem as tendências originais.

Naquela mesma lua, na espessa calda que recobre a noite, os traços de Zuita Benoar ganham uma conotação cada vez mais confusa – aspecto de rascunho engolido pela paisagem.

Os seus diminutos pés, seus longos e exímios dedos de dançarina e tocadora de pandeiretas, os cabelos, ora seguros por fivelas ora estendendo-se soltos por sobre o corpo, se espalham pelo entorno através de movimentos suaves, não podendo mais serem definidas as suas roupas e intenções.

Na espessa calda que recobre a noite: perco-me nos perfeitos traços de seu corpo esguio e nos esplêndidos seios de odalisca desnuda.

As estrelas. A lua. As nuvens. O céu.

A ausência de ventos é um aglutinador de pigmentos noturnos no céu da lua *bordô*.

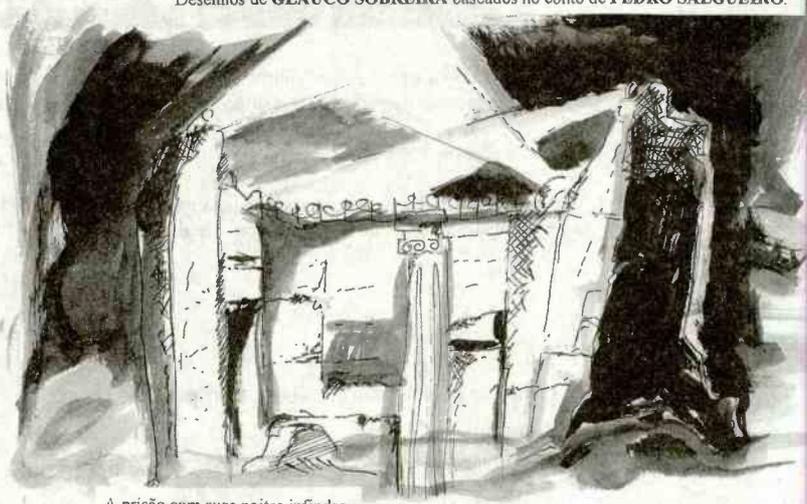
Luciano Bonfim

(Crateús-CE, 1971)

Publicou livros de poesia, teatro, cordel, além de *Dançando com Sapatos que Incomodam* (2002), de contos. Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral. Faz mestrado em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará. Tem inédito um livro de contos.

Havia um desconhecimento recíproco – policiais e prisioneiros não sabiam
DOS VALORES DO INIMIGO.

Desenhos de **GLAUCO SOBREIRA** baseados no conto de **PEDRO SALGUEIRO**.



A prisão com suas noites infundas.

CAOS PORTÁTIL80



As janelas altas permitiam
ouvir o alarido das ruas
e o piado agourento das aves
noturnas.



De certo só tínhamos a vontade louca de escapar.
Subornar os guardas seria arriscado.
Fugir pulando o muro eletrificado, um suicídio.

Glauco Sobreira

(Juazeiro do Norte-CE, 1963)

Participou de várias exposições de artes visuais em Fortaleza. É autor da história em quadrinhos "O sonho da razão produz monstros", publicada na revista *Metal Pesado* (São Paulo), em 1997, e ilustrador dos livros de poesia infantil *Nas cordas do arco-íris* e *Carrossel de Poesia*, de Antônio Sílvio de Araújo.

O pátio tinha sido estudado palmo a palmo por cinco pares de olhos.



Uma barreira era a mais temida: a eletricidade que tostaria a todos na subida do muro, além das luzes dos postes altos.



Numa das muitas noites de esperança, quando estávamos lado a lado no pátio tomando ar, o impossível acontece.



TODAS AS LUZES SE APAGAM!



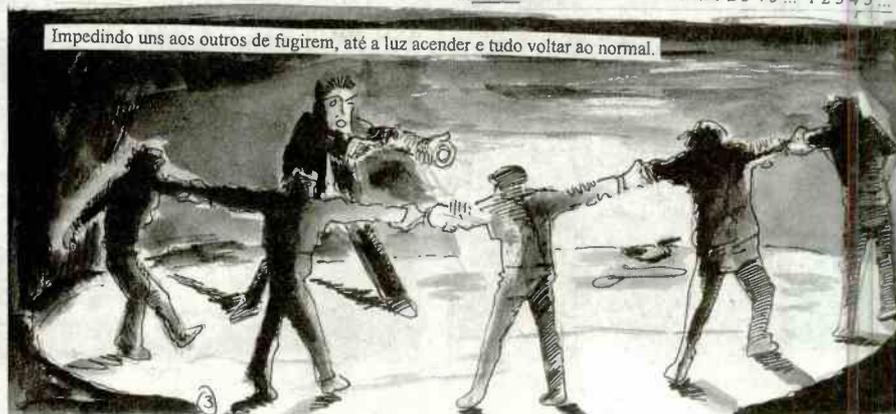
Tínhamos três segundos para passar do espanto à ação.



CAOS PORTÁTIL 81

Pedro Salgueiro
(Tamboril-CE, 1964)

Contista premiado, autor de O Peso do Morto (1995); O Espantalho (1996); Brincar com Armas (2000), Dos Valores do Inimigo (2005) e Fortaleza Voadora (2007). Participou de várias antologias.



A
alansantiago/72
arysalgueiro/69
astolfolimasandy/32

B
beatrizalcântara/49

C
caioportíriocarneiro/9
cândidorolim/68
cherlânyodebarros/30
clauderarcanzo/44

D
dimasmacedo/74

E
eduardopragmáciofilho/11
elicastro/46

F
felipebarroso/29

G
geraldojesuino/65
gildemarpontes/64
glaucosobreira/80

I
ivaldoribeirofilho/28

J
joanedesson/67
joãosoaresneto/52
jorgepieiro/41
juliolira/36
júniorrats/77

L
lianaaragão/13
lucianobonfim/79

N
niltomaciel/25

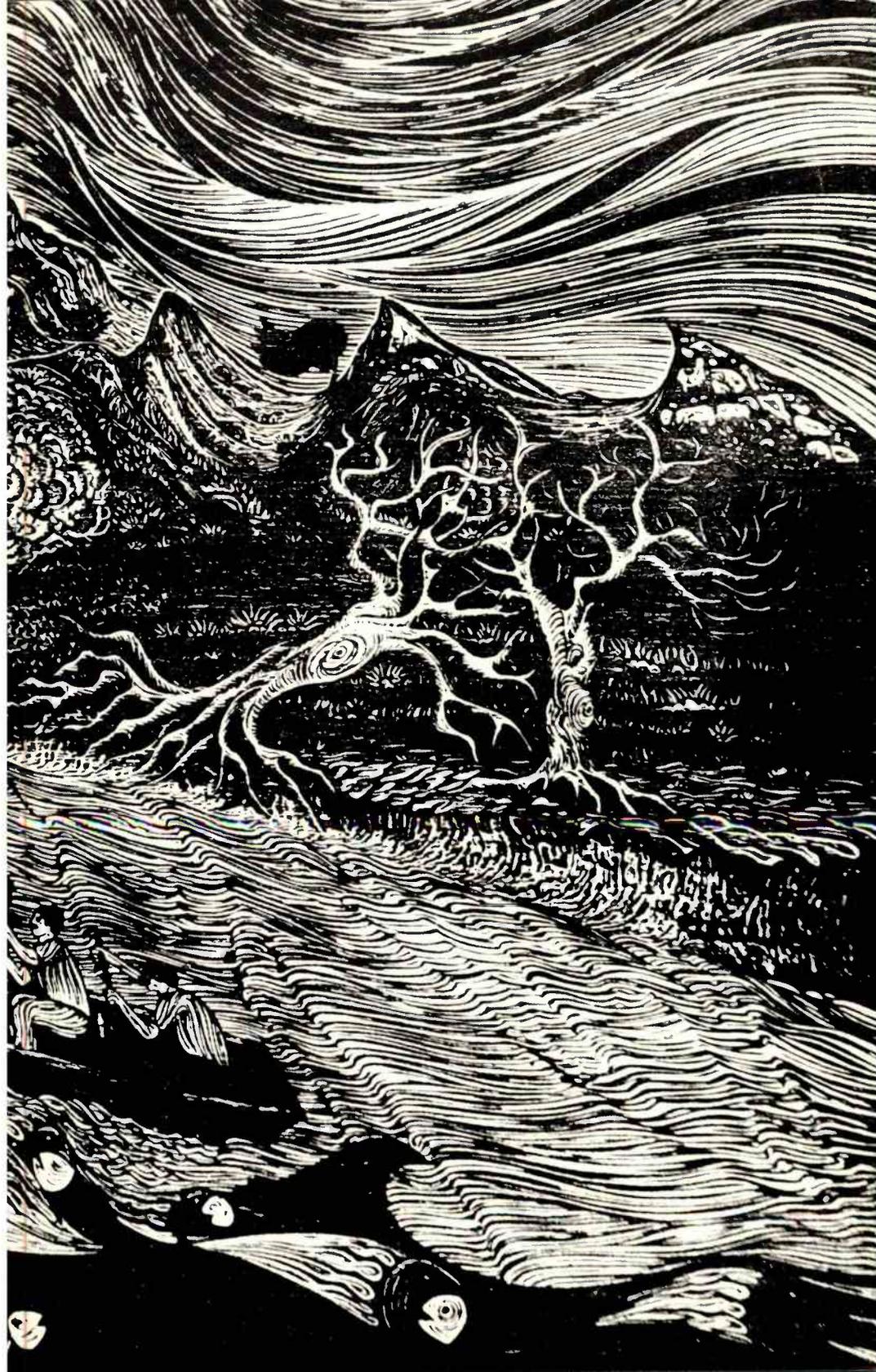
P
pedrohenriquesaraivação/63
pedrosalgueiro/81

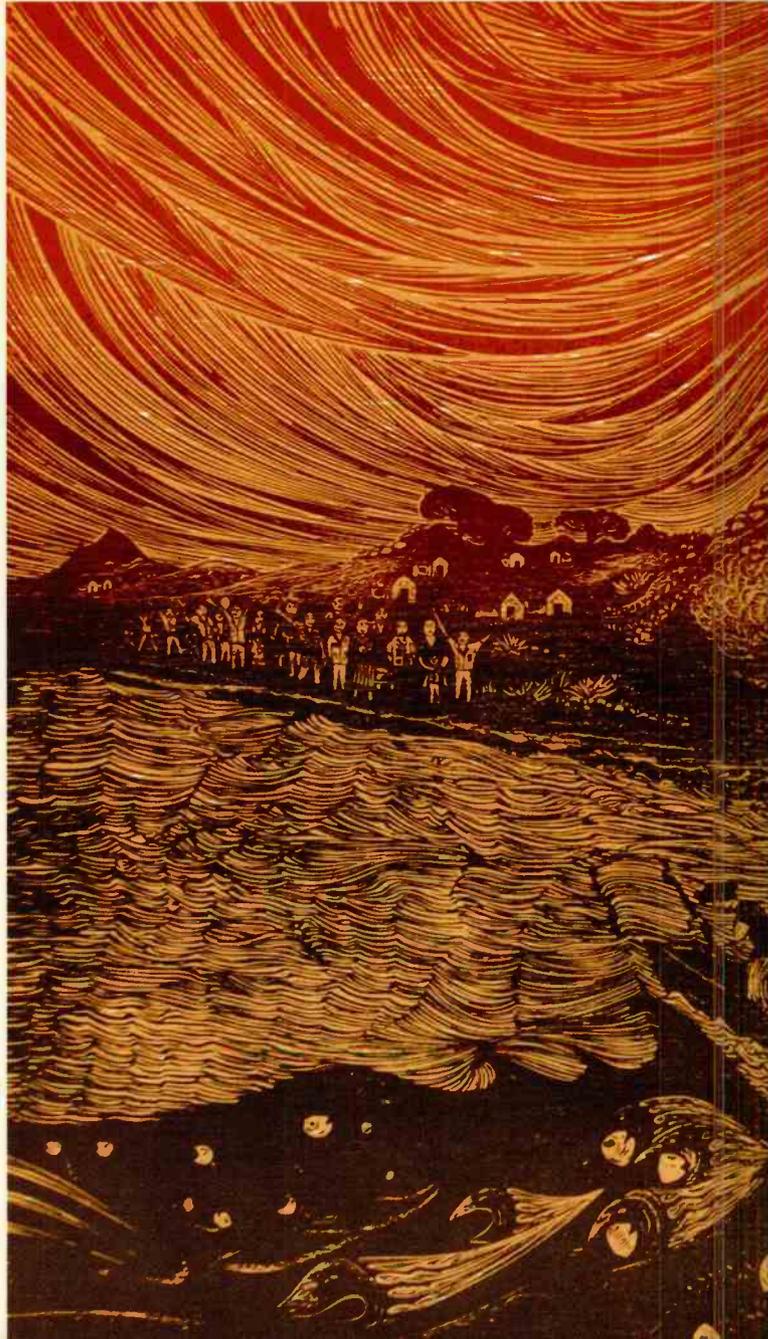
R
raymundonetto/54
ricardokelmer/39
rinaldodefernandes/61
rodrigomarques/42
ronaldocagiano/47

T
téciamontenegro/7
therezalleile/22
túliomonteiro/62

S
sergiorebouças/55
soaresfeitosa/16

Y
yurileonardo/20





ISSN 1808-3080



9 771808 308001